

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**NECROGEOGRAFIA E ESPAÇOS DOS MORTOS CONSTRUÍDOS PELOS VIVOS:**

**Análises geoespaciais, culturais, morfológicas e estruturais dos cemitérios municipais de Vila Velha/ES.**

JULIO CESAR RAMOS NASCIMENTO

LARISSA DE SOUZA PEREIRA

VITÓRIA

2025

JULIO CESAR RAMOS NASCIMENTO

LARISSA DE SOUZA PEREIRA

**NECROGEOGRAFIA E ESPAÇOS DOS MORTOS CONSTRUÍDOS PELOS VIVOS:**

**Análises geoespaciais, culturais, morfológicas e estruturais dos cemitérios municipais de Vila Velha/ES.**

Trabalho de Conclusão do Curso  
de Graduação em Geografia  
apresentado na Universidade  
Federal do Espírito Santo como  
requisito para obtenção do grau de  
Bacharelado em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Maurício  
Sogame

VITÓRIA

2025

## **DEDICATÓRIAS**

Dedico este trabalho a minha mãe e irmão, minha família, que sempre estiveram comigo prestando apoio e segurança. Dedico, também, à memória de meu pai. E ao primeiro verme que roer as frias carnes do meu cadáver.

– Julio Cesar Ramos Nascimento

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de alguma forma contribuíram para que esse momento se tornasse possível. À minha família, pelo amor, paciência e apoio em cada etapa dessa jornada, em especial a minha mãe e meu irmão. Aos meus amigos, pela compreensão nas ausências e pelas palavras de incentivo, sobretudo este com que tive a honra de dividir essa pesquisa. Aos profissionais e estudiosos da Geografia, que enxergaram nos espaços dos mortos não apenas a finitude, mas uma poderosa expressão da cultura, história e da memória coletiva.

– Larissa Pereira de Souza

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaríamos de agradecer as pessoas que fizeram este trabalho possível. Geografia “é coisa de louco”, e sem essas e outras frases, não poderíamos ficar mais animados com a perspectiva da ciência aplicada. Também gostaríamos de agradecer o departamento e colegiado da geografia/UFES, sem o apoio de ambos os órgãos nós não conseguiríamos desenvolver a pesquisa sozinhos.

A todos os membros de nossas famílias que acreditaram no tema e nos deram força para continuar, mesmo em tempos difíceis.

Aos amigos que fizemos pelo caminho, e a amizade que nós dois cultivamos durante a reta final do curso.

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Vila Velha e aos terceirizados que nos ajudaram bastante nas visitas de campo dos cemitérios.

Ao professor Maurício Sogame, por toda ajuda e incentivo.

Ao professor Paulo César Scarim, pelas músicas clássicas no EARTE e por todo apoio e insistência de sempre.

*"Sai, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epítáfios. E, aliás, gosto dos epítáfios: eles não são, entre a gente civilizada, uma expressão de egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos."*

– *Machado de Assis, 1880.*

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo estabelecer uma espécie de método descritivo geográfico-paisagístico entre os cemitérios públicos na cidade de Vila Velha/ES, levando em consideração as lógicas de funcionamento e estruturais desses espaços. Distanciando-nos, porém de Humboldt e a descrição da paisagem natural e aproximando-nos da pluralidade da paisagem cultural saueriana. Buscamos, também, entender o quanto é levada em consideração a percepção higienizadora do espaço quando trata-se da disposição cadavérica. Por meio deste trabalho, tentaremos comparar as lógicas de distribuição espacial dos cemitérios presentes na atual sociedade vilavelhense. Apresentaremos a relevância dos espaços fúnebres para a Geografia, denotando suas qualidades, na tentativa conscientizar e dar maior visibilidade a estes lugares, que são prezados pelas mais diversas sociedades humanas, mas que, atualmente, têm seu significado cada vez mais ofuscado pela desconexão do homem com o ato de morrer, além da noção crescente de individualização das atitudes humanas, que podem refletir no descaso das autoridades responsáveis e da sociedade geral para com necro-espacos.

Palavras-chaves: Método descritivo; disposição cadavérica; paisagem cultural; espacialização da morte; necro-espacos.

## **ABSTRACT**

This study objectively tries to establish a kind of geographical-landscaper descriptive method between the municipal public cemeteries at Vila Velha/ES, considering the logics of function and structure of those spaces. Trying to distance ourselves from the Humboldtian method of describing natural landscapes and focusing on the plurality of the Sauerian cultural landscapes. We tried to understand how much sanitizing perspectives still exist when it comes to disposal of human bodies. With this study, we will try to compare the logics of spatial distribution of cemeteries present in the vilavelhense society and show the relevancy of funeral and mournful spaces to geography, casting a light in its qualities and attempting to give those places more visibility of which are meaningful to various human societies, but now had their meaning overshadowed because of the disconnection of humanity with the act of dying, in addition to the growing individualization of human actions, that can reflect as neglection by the responsible authorities and of society as a whole towards necrospace.

Palavras-chaves: Descriptive method; disposal of human remains; cultural landscape; death spatialization; necro-spaces.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURAS</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>Pg.</b>
FIGURA 1 –	Proporção da população e taxa de crescimento segundo a situação de domicílio - Brasil, 1940 a 2000.....	<b>14</b>
FIGURA 2 –	Manifestações culturais e materiais nos jazigos.....	<b>16</b>
FIGURA 3 –	Manifestações culturais e materiais nos jazigos.....	<b>16</b>
FIGURA 4 –	Manifestações culturais e materiais nos jazigos.....	<b>16</b>
FIGURA 5 –	Manifestações culturais e materiais nos jazigos.....	<b>16</b>
FIGURA 6 –	Manifestações culturais e materiais nos jazigos.....	<b>16</b>
FIGURA 7 –	Vista frontal da Igreja do Rosário.....	<b>23</b>
FIGURA 8 –	Vista parcial do Convento da Penha e seu antigo portão de acesso.....	<b>23</b>
FIGURA 9 –	Modelo de registros e arquivamentos em descontinuação pela Gerência de Necrópole.....	<b>24</b>
FIGURA 10 –	Modelo de registros e arquivamentos em descontinuação pela Gerência de Necrópole.....	<b>24</b>
FIGURA 11 –	Modelo de registros e arquivamentos em descontinuação pela Gerência de Necrópole.....	<b>24</b>

<b>FIGURA 12 –</b>	Mapa da localização dos cemitérios municipais de Vila Velha.....	<b>27</b>
<b>FIGURA 13 –</b>	Mapa de localização do Cemitério Municipal do Centro de Vila Velha.....	<b>31</b>
<b>FIGURA 14 –</b>	Fachada do cemitério municipal de Vila Velha.....	<b>32</b>
<b>FIGURA 15 –</b>	Exterior da capela mortuária.....	<b>32</b>
<b>FIGURA – 16</b>	Interior da capela mortuária.....	<b>32</b>
<b>FIGURA – 17</b>	Jazigos que compõem a paisagem do CCVV.....	<b>33</b>
<b>FIGURA – 18</b>	Notificação da Gerência de Necrópole em uma sepultura abandonada.....	<b>33</b>
<b>FIGURA – 19</b>	Jazigos que compõem a paisagem do CCVV.....	<b>33</b>
<b>FIGURA – 20</b>	Jazigos que compõem a paisagem do CCVV.....	<b>33</b>
<b>FIGURA – 21</b>	Jazigos que compõem a paisagem do CCVV.....	<b>33</b>
<b>FIGURA – 22</b>	Imagens de campo das aglutinações de túmulos.....	<b>34</b>
<b>FIGURA – 23</b>	Imagens de campo das aglutinações de túmulos.....	<b>34</b>
<b>FIGURA – 24</b>	Imagens de campo das aglutinações de túmulos.....	<b>34</b>
<b>FIGURA – 25</b>	Mapa de localização do Cemitério Municipal de Santa Inês (CSI).....	<b>35</b>

FIGURA – 26	Muro e portão (único).....	37
FIGURA – 27	Estrada até a capela.....	37
FIGURA – 28	uma árvore crescendo na lateral de uma sepultura abandonada.....	37
FIGURA – 29	vista sudeste do CSI.....	37
FIGURA – 30	Morfologia da paisagem do CSI.....	38
FIGURA – 31	Morfologia da paisagem do CSI.....	38
FIGURA – 32	Um túmulo com caixão exposto.....	38
FIGURA – 33	Restos mortais a céu aberto provenientes de uma exumação.....	38
FIGURA – 34	Manifestações religiosa.....	38
FIGURA – 35	Manifestações religiosa.....	38
FIGURA – 36	Mapa de localização do Cemitério Municipal do Bosque (CB).....	39
FIGURA – 37	Muro.....	40
FIGURA – 38	Portão.....	40

FIGURA – 39	Terreno arenoso.....	40
FIGURA – 40	Panorâmica.....	40
FIGURA – 41	Capela.....	40
FIGURA – 42	Vista do cemitério.....	41
FIGURA – 43	vista com o Morro do Pão Doce de fundo.....	41
FIGURA – 44	Alça de um caixão antigo.....	41
FIGURA – 45	Manifestação religiosa.....	41
FIGURA – 46	Restos mortais ensacados e expostos.....	41
FIGURA – 47	Túmulo abandonado com a solicitação da PMVV para identificação e cadastro dos proprietários.....	41
FIGURA – 48	Demonstração da declividade do terreno do cemitério, foto da quadra oeste.....	42
FIGURA – 49	Pipa encontrada no local.....	42
FIGURA – 50	Jovem nos mostrando a linha da pipa que estava usando naquele momento.....	42
FIGURA – 51	Localização do Cemitério Municipal da Barra do Jucú (CBJ).....	43

FIGURA – 52	Muro, portão e capela.....	45
FIGURA – 53	Praia e vegetação de restinga próximas ao cemitério.....	45
FIGURA – 54	Monumento Casaca, representação cultural do congo, localizada na esquina da quadra do cemitério.....	45
FIGURA – 55	Solo arenoso do cemitério.....	45
FIGURA – 56	Arenito, rocha sedimentar, comum no cemitério da Barra.....	45
FIGURA – 57	Arte em muro reafirmando a importância de se manter a história da formação cultural do local.....	45
FIGURA – 58	Arte em muro sobre a conscientização e importância da preservação, para a comunidade local.....	45
FIGURA – 59	Paisagem ao entrar no cemitério.....	46
FIGURA – 60	Túmulos sendo divididos por um muro onde do lado esquerdo é o “cemitério velho” e do lado direto do muro é o “cemitério novo”.....	46
FIGURA – 61	Capela.....	46
FIGURA – 62	Túmulo com a imagem de São Jorge (manifestação cultural).....	46
FIGURA – 63	Túmulo danificado contendo uma caixa com ossada exposta.....	46
FIGURA – 64	Túmulo com identificação da prefeitura na tentativa de localizar os responsáveis	46
FIGURA – 65	Mapa de localização do Cemitério Municipal de Praia de Ponta da Fruta (CPPF)	47
FIGURA – 66	Muro e portão; um túmulo quase irreconhecível por conta da vegetação; vista leste do cemitério; vista sudoeste.....	48
FIGURA – 67	Um túmulo quase irreconhecível por conta da vegetação.....	48
FIGURA – 68	Vista leste do cemitério.....	48
FIGURA – 69	Vista sudoeste.....	48

FIGURA – 70	Cruzes demarcando sepulturas.....	49
FIGURA – 71	Um túmulo completamente tomado pela vegetação.....	49
FIGURA – 72	Uma coruja-buraqueira ( <i>Athene cunicularia</i> ).....	49
FIGURA – 73	O muro sul sendo dividido com uma área residencial.....	49
FIGURA – 74	A única cruz de mármore de todo o cemitério.....	49
FIGURA – 75	Mapa de localização do Cemitério Municipal de Ponta da Fruta (CPF).....	50
FIGURA – 76	Modelo arquitetônico 3D das câmaras funerárias existentes no CPF.....	51
FIGURA – 77	Vista do portão principal;.....	52
FIGURA – 78	Portão secundário na lateral.....	52
FIGURA – 79	Capela mortuária.....	52
FIGURA – 80	Porção norte com maioria de sepulturas perpétuas.....	52
FIGURA – 81	Fundos do cemitério, onde as obras estão parcialmente prontas e o calçamento sendo instalado.....	53

<b>FIGURA – 82</b>	Área onde as câmaras funerárias de quatro andares ainda estão em processo de construção e aterramento (entre túmulos).....	<b>53</b>
<b>FIGURA – 83</b>	Covas abertas na entrada do cemitério.....	<b>53</b>
<b>FIGURA – 84</b>	Imagen de um anjo em cima de uma das sepulturas.....	<b>53</b>
<b>FIGURA – 85</b>	Marcações utilizadas com nome do sepultado, quadra, código e ano.....	<b>53</b>

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 –	Informações básicas sobre os cemitérios municipais de Vila Velha.....	28
------------	---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada;
- ES – Espírito Santo;
- SP - São Paulo;
- RJ – Rio de Janeiro;
- BA - Bahia;
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
- SEMSU – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Vila Velha);
- PMVV - Prefeitura Municipal de Vila Velha;
- SEMOB – Secretaria Municipal de Obras (Vila Velha);
- CBJ – Cemitério Municipal da Barra do Jucú;
- CPF – Cemitério Municipal da Ponta da Fruta;
- CPPF – Cemitério Municipal da Praia de Ponta da Fruta;
- CSI – Cemitério Municipal de Santa Inês;
- CB – Cemitério Municipal do Bosque;
- CCVV – Cemitério Municipal do Centro de Vila Velha;
- R2 - Risco 2 de deslizamento de massa (médio);
- R3 – Risco 3 de deslizamento de massa (alto);
- EUA – Estados Unidos da América.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. CAPÍTULO I – SOBRE OS CEMITÉRIOS PÚBLICOS.....	18
1.1 <i>Um breve comentário sobre a geohistória e paisagem dos cemitérios.....</i>	18
1.2 <i>Cemitérios como locais de memória e manifestações culturais.....</i>	21
2. CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO E ESTUDO DE CASO DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS MUNICIPAIS DE VILA VELHA.....	31
2.1 <i>O cemitério municipal do Centro.....</i>	31
2.2 <i>O cemitério municipal de Santa Inês.....</i>	35
2.3 <i>O cemitério municipal do Bosque.....</i>	39
2.4 <i>O cemitério municipal da Barra do Jucú.....</i>	43
2.5 <i>O cemitério municipal da Praia de Ponta da Fruta (Ponta da Fruta).....</i>	47
2.6 <i>O cemitério municipal de Ponta da Fruta (Morro da Lagoa).....</i>	50
3. CAPÍTULO III - POR UMA NECROGEOGRAFIA BRASILEIRA.....	54
3.1 <i>Necrogeografia: Os cemitérios como laboratórios de análise espacial.....</i>	54
4. CAPÍTULO IV - NECROTURISMO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	56
4.1 <i>Necroturismo: Espaço cemiterial como lugares de memória e atrativo turístico.....</i>	56
4.2 <i>Perspectivas para o futuro: Novas direções das práticas mortuárias.....</i>	59

7. CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

## **INTRODUÇÃO**

Cemitérios são lugares especiais para a Geografia por serem espaços onde a humanidade tende a cravar sua história de forma mais íntima: enterrando os seus mortos. Utilizando esse ponto de partida, decidimos ajudar a construir e tornar mais íntimo os ambientes cemiteriais de Vila Velha/ES. Para isso, fizemos análise comparativa-descritiva de cada uma de suas estruturas, paisagens, morfologias, localizações e contextos sociais, buscando compreender o que esses espaços podem oferecer para a ciência, como se manifestam espacialmente e o que significam para as pessoas.

Espaços estes são diversos, abandonados, luxuosos, excêntricos, tristes e manifestam a cada indivíduo uma perspectiva. Neste trabalho, foi encapsulada a nossa perspectiva sobre os cemitérios canela-verdes e o que propomos para melhorar a acessibilidade, tornar esses locais cada vez mais “museus a céu aberto”, e não apenas locais de esquecimento e desconexos da realidade espacial.

No que tange a necrogeografia, nós também viemos na defesa desse significante ramo da ciência que vem ficando popular nos últimos anos, utilizando ferramentas das mais diversas ciências para compreender o espaço de coabitAÇÃO entre os mortos e os vivos.

# 1. SOBRE OS CEMITÉRIOS PÚBLICOS

## 1.1. Um breve comentário sobre a geohistória e paisagem dos cemitérios

Cemitérios são espaços criados pelos vivos para a disposição daqueles que já não mais vivem, sendo essa uma evidente prática desde os períodos mais remotos documentados pela história da civilização europeia ocidental. Lawers (2015, p. 20) apresenta sucintamente estes espaços de inumação como locais de “coabitação dos vivos e dos mortos”. O autor expande sua perspectiva argumentando que os agrupamentos humanos tenderiam a construir espaços para seus falecidos nas imediações de seus assentamentos, tanto por questões logísticas, quanto também por motivos de tentativa de construir uma identidade de vínculo à terra.

Espaços cemiteriais passam a entregar um simbolismo particular, fazendo uma união do sentimento de luto, de pertencimento, do assombroso ato de confrontamento com a morte e, por último, do esquecimento. Föetsch e Oliveira argumentam a potencialidade desses espaços como forma de imortalizar a terra, denotando um fenômeno humano bastante conhecido desde que a espécie deixou o nomadismo de lado: a conexão do homem com o espaço, embora, estes mesmos espaços sofram com o tempo histórico e se tornem, em certa medida, locais de abandono

A paisagem e o ritual nos guiaram à perspectiva da memória ao perceber que os cemitérios e seu papel difusor de referência são lugares que oportunizam o direito às lembranças e a imortalização do sepultado na terra. São repositórios do “fazer recordar”, de fabricação do imortal de enraizamento territorial. Isso ao mesmo tempo em que calam almas solitárias, encobertam mortos anônimos, retratam o abandono e perpetuam o esquecimento. (FÖETSCH; OLIVEIRA, 2020, p. 9)

Observa-se, portanto, que mesmo com a importância histórica apontada por Lawers (2015), os espaços cemiteriais ao longo dos períodos de crescimento populacional, provocado pelas melhorias nas condições de vida da sociedade pós-revolução industrial, podem tornar-se abandonados e esquecidos. A partir de Oliveira (2021) é reconhecida a hipótese da existência de algum grau de abandono nos cemitérios públicos pode ser levantada pela observação de elementos no campo que indiquem práticas de vandalismo dos espaços e em outros conjuntos de avarias que vilipendiaram os monumentos, tal como as paisagens culturais e os bens públicos, mas também, ações das intempéries e/ou baixa manutenção por parte das autoridades e das famílias que detém propriedade dos túmulos e mausoléus.

A memória e a cultura são fatores indissociáveis da paisagem cemiterial, Borges (2004), argumenta que os monumentos funerários tem o objetivo de embelezar a paisagem e atrair olhares com suas estéticas, logo, é possível entender mais sobre quem edificou esses espaços do que das próprias pessoas que estão neles enterradas, portanto a paisagem é produzida pelos vivos para representar a morte da maneira que estes a entendem como processo. Dessa forma, diversas perspectivas podem surgir entre os muros de um mesmo cemitério, sejam eles jazigos adornados com granitos e mármores bem cortados e polidos, que apresentam as fotos dos inumados nestes, com a presença de símbolos religiosos da fé em vida dos agora falecidos, ou dos vivos que construíram estes monumentos. São estas as profundas marcas culturais da paisagem observável que se destacam em uma primeira impressão nos cemitérios públicos brasileiros em geral. Cosgrove (1989) nos convida a pensar a “cultura e simbolismo” como frutos indissociáveis de uma mesma realidade geográfica. As estruturas paisagísticas culturais expressam muito mais o que pensam as sociedades sobre o espaço do que o que permite a natureza, embora ambos também sejam impossíveis de se separar. Conseguimos corroborar essa ideia com o significado atribuído a paisagem por Carl Sauer:

Uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (SAUER, 1925, p. 23)

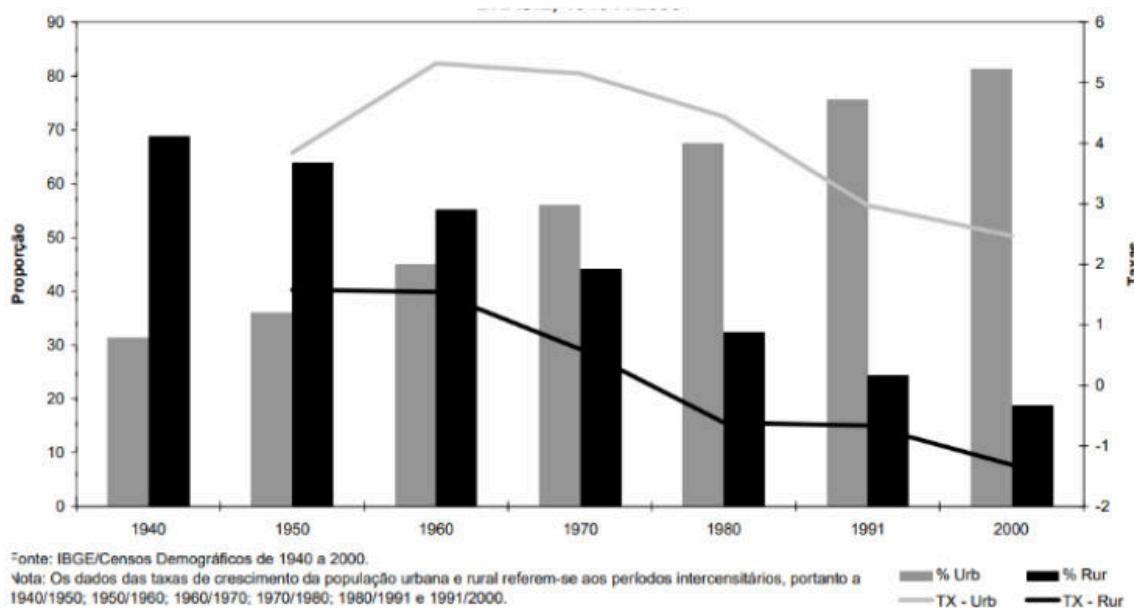
Demonstrar que a paisagem pode ser cultural e, ao mesmo tempo, física, nos leva a compreender o pensamento geográfico como ferramenta interpretativa da totalidade da realidade e a paisagem cultural é a plena materialização das ações humanas nos seus espaços e territórios.

Os cemitérios públicos atuais se apresentam como amalgamas da paisagem natural e cultural, contendo elementos naturais, como árvores crescendo entre ou dentro dos próprios jazigos. Embora seja algo visível atualmente, esta paisagem pode ser consequência direta do processo de esquecimento da sociedade civil e do poder público para com os locais destinados aos mortos, algo que começa a surgir, possivelmente, com a grande necessidade novos espaços de enterramentos humanos, fruto do crescimento populacional das cidades e da duplicação da população mundial, observada por Santos (1988) ao concluir que:

[...] Em certos países, hoje, já há um habitante rural para cada dez urbanos. No Brasil caminhamos para igual proporção em certas regiões, como na maior parte do estado de São Paulo. (SANTOS, 1988, p. 47)

Dessa forma, é inegável o crescimento populacional brasileiro causado pelo avanço na qualidade e expectativa de vida da população trazidas pelas indústrias, por avanços tecnológicos e um maior acesso aos serviços básicos, logo, o impacto nos cemitérios públicos e privados cresceu proporcionalmente com a população urbana, pois se há um maior contingente populacional, há também uma maior necessidade de jazigos e de espaço cemiterial para realizar sepultamentos. Isso pode gerar grandes problemas caso não haja uma manutenção adequada dos espaços cemiteriais, causando crises neste setor, mas também obrigando as autoridades públicas e a iniciativa privada a pensarem alternativas para contornar esses empecilhos.

**Figura 1 – Proporção da população e taxa de crescimento segundo a situação de domicílio - Brasil, 1940 a 2000.**



Fonte: IPEA

Fenômeno iniciado entre os anos 40 e 60, o êxodo rural brasileiro foi o momento chave para a mudança do quantitativo populacional. A partir desse período, muitas pessoas deixaram o campo para buscar oportunidades nos centros urbanos, que começaram a crescer exponencialmente até a atualidade. (SANTOS, 1988).

Por muito tempo, as igrejas eram as principais instituições responsáveis pelo sepultamento de cadáveres no território colonial brasileiro, que esteve (e ainda está) associado à prática cristã e ocidental. Mesmo com a pluralidade étnica e cultural do país, boa parte da população

de raízes africanas eram obrigadas a realizar seus rituais próprios antes do enterro e, logo após isso, fazerem o enterramento de acordo com as normas já estabelecidas pelos cristãos colonizadores – isto é, em terra, mas, também, em terras afastadas daquelas dedicadas exclusivamente aos brancos (RODRIGUES, 1997). Essa observação é reafirmada por Rodrigues e Bravo (2012) no que denominaram “hierarquização da morte”, que consistia em enterrar o clero e a nobreza em áreas mais sacralizadas de construções eclesiásticas – normalmente, onde haviam já inumados corpos de santos ou de figuras importantes para a igreja, dentro das próprias igrejas ou em áreas mais próximas – enquanto a população pobre e escravizada, ficava excluída espacialmente destes lugares e deveria, então, enterrar seus mortos em outros locais, sem o apoio da elite. Surge, neste momento em diante, uma necessidade de modernizar o sistema funerário excludente brasileiro do período imperial.

Os cemitérios brasileiros começam a serem regulamentados pelo Estado apenas a partir da Lei Imperial de 1º de outubro de 1828 em seu 66º artigo, e inciso número 2, que diz:

Sobre o estabelecimento de cemiterios fóra do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade ecclesiastica do lugar sobre o esgotamento de pantanos e qualquer estagnação de águas intactas sobre a economia e asseio dos curraes, e matadouros públicos, sobre a collocação de curtumes sobre os depósitos de imundices, e quanto possa alterar e corromper a salubridade da atmosphera. (LEI IMPERIAL DE 01º DE OUTUBRO DE 1828, ART 66, § 2º.)

Este inciso denota a preocupação com questões sanitárias públicas, restringindo alguns sepultamentos humanos em domínios da igreja. A lei também ressalta a sua preocupação com “imundices” e com a “salubridade da atmosphera”, algo que configura a crença antiga, mas ainda muito popular, da existência dos miasmas cadavéricos e que as presenças destes, em grandes números, seriam uma ameaça à saúde pública de forma generalizada. Mesmo com a proibição, as práticas de enterramentos em terrenos da igreja e em terrenos contíguos permaneceram até a segunda metade do século XIX (PEDROSA, 2023).

Com o avanço do tempo histórico e o aumento populacional da cidade, sua necessidade de outras infraestruturas e, a partir da necessidade da expansão ou construção de novas necrópoles, o Estado outorgou a si a responsabilidade de construir e manter esses espaços, que têm finalidades turísticas, simbólicas e ritualísticas (FÖETSCH; OLIVEIRA, 2020).

## 1.2. Cemitérios como espaços culturais e de manifestação da memória

Os cemitérios, para além de sua função primordial de acolher os restos mortais dos falecidos, são espaços carregados de simbolismo, memória e manifestações culturais. A partir da Geografia Simbólica, como discutido por Föetsch e De Oliveira (2020), os cemitérios são paisagens que refletem as relações sociais, econômicas e culturais de uma sociedade, sendo local de preservação da história e da identidade coletiva. Eles representam não apenas um espaço de despedida, mas também um local onde a memória individual e coletiva se perpetua através de monumentos, lápides e ritos funerários.

**Figuras 2, 3, 4, 5 e 6 - Manifestações culturais e materiais nos jazigos**



Fonte: Arquivo dos Autores.

A dimensão cultural e simbólica dos cemitérios também pode ser analisada a partir da perspectiva de Cosgrove (1989), que destaca como as paisagens humanas são construídas e interpretadas culturalmente. Os cemitérios são, assim, espaços de representação, onde elementos como arquitetura, epítáfios e ornamentos funerários são expressões materiais das concepções sociais sobre a morte e a finitude da vida.

A abordagem deleuziana sobre a memória e o tempo, conforme discutido por Hur (2013), permite compreender os cemitérios como espaços onde a multiplicidade do passado se manifesta no presente. Esses locais não são apenas arquivos materiais da história, mas

também instâncias de produção simbólica, onde ritos, homenagens e narrativas individuais e coletivas se entrelaçam na construção de memórias. Os cemitérios se tornam, assim, espaços de heterogeneidade temporal, onde diferentes períodos históricos coexistem e dialogam entre si por meio das inscrições nos túmulos, das diferentes arquiteturas e da manutenção (ou negligência) dos espaços.

Em diferentes contextos culturais, os cemitérios assumem funções diversas: desde locais de peregrinação religiosa e turismo histórico até cenário para expressões artísticas e populares, como acontece no Día de los Muertos no México ou nas visitas tradicionais aos cemitérios no Dia de Finados no Brasil.

No contexto de Vitória/ES, a história dos cemitérios reflete desigualdades territoriais e sociais, como abordado por Teixeira (2022). A disposição espacial e as condições dos cemitérios evidenciam as diferenças socioeconômicas, revelando uma história de marginalização de determinados grupos. Muitas vezes, os cemitérios destinados às camadas mais pobres da população apresentam infraestrutura precária e menor investimento na preservação, enquanto aqueles pertencentes às elites tendem a ser melhor conservados e dispostos em áreas mais valorizadas da cidade. Essa territorialização da morte evidencia e reforça as assimetrias sociais presentes em vida, tornando os cemitérios uma extensão dos espaços de segregação urbana. Carneiro (2013) também dialoga essa dinâmica espacial destacando que:

[...] o espaço cemiterial também é percebido como reflexo e condição da sociedade, cuja dimensão social corresponde ao espaço urbano em grande escala, de forma temporal e justaposta. No processo de produção e consumo do espaço, seja o urbano, seja o cemiterial, a ação dos indivíduos é complexa, conduzindo a constantes transformações em sua dinâmica. (CARNEIRO, 2013, p. 208)

Além de sua função memorial e simbólica, os cemitérios também podem ser interpretados como palcos de disputa e transformação cultural. Eles são espaços onde diferentes narrativas sobre a morte e a identidade são contestadas e resignificadas, seja por meio de políticas públicas de preservação patrimonial, seja pela luta de grupos sociais para garantir o reconhecimento de determinadas memórias. Em várias cidades ao redor do mundo, há iniciativas que transformam cemitérios históricos em espaços de visitação turística,

destacando seu valor cultural e histórico, e até mesmo sendo objeto de pesquisas acadêmicas e, ocasionalmente, recebendo eventos culturais e visitas para a apreciação da arte tumular.

Os cemitérios também servem como locais de resistência e identidade para determinados grupos. Comunidades indígenas utilizam os cemitérios como espaços de afirmação de sua memória coletiva, ressignificando a morte como um momento de continuidade e não apenas de fim. As variadas tribos e grupos indígenas que se encontravam no território brasileiro também tinham suas diferentes formas disposição de seus mortos:

“Em certos lugares utiliza-se de um modo extremamente bárbaro e desumano de sepultamento pois, quando julgam que alguém se aproxima da hora de morrer, os parentes o levam até uma grande floresta, onde, colocando naquelas redes de algodão em que dormem, presas entre duas árvores, suspendem-no no ar e, em seguida, tendo dançado em volta dele assim suspenso por um dia inteiro, ao cair da noite, colocam-lhe ao lado da cabeça água e outros viveres com que a pessoa possa viver durante uns quatro dias. Depois, deixando-lhe ali pendurado, sozinho, voltam para casa. Se depois o doente se alimentar e sobreviver e, convalescendo até recobrar a saúde, por si mesmo voltar para casa, a família e os parentes o acolhem com uma grande festa. Mas pouquíssimos são os que superam tamanho perigo, porque ninguém vai visitá-los, e, *se morrem ali, não têm depois nenhuma sepultura.*”<sup>1</sup>

É impossível saber a dimensão dos rituais indígenas, apenas por meio de relatos do colonizador, enviesado por sua cristandade, que contam-nos suas observações de maneira muito mais crítica, por motivos da mentalidade do momento histórico em que estas foram escritas. Outra ferramenta que nos pode contar muito sobre é a própria arqueologia e suas pesquisas de campo, que nos ajuda a remontar o passado e descobrir modelos de sepultamentos, como urnas funerárias de cerâmica, por exemplo..

Nas culturas afro-brasileiras, como o Candomblé, os ritos sagrados da morte (ou, passagem) são feitos das formas mais variadas – pois, essas culturas se espacializam de maneira diferente e adotam com o tempo características próprias, assim como toda religião e crença. Bandeira (2015), faz uma reflexão acerca das crenças do candomblé para o pós-vida:

“A vida é para ser festejada, a morte também. O morto ao ser homenageado com comidas, bebidas, cantos e danças nos rituais do Sirrum, Axexê e Mukundu ou Ntambi, por seus amigos, parentes e povo-de-santo em geral, não ficará sozinho, encontrará as divindades que o receberão e confortarão,

---

<sup>1</sup> Américo Vespúcio, Novo Mundo: As cartas que batizaram a América, São Paulo: Planeta, 2003. p.77. Grifo de Renato Cymbalista (2011).

pois a morte não é o fim, mas representa um recomeço e uma reintegração.”  
(BANDEIRA, 2010, p. 51)

O estudo dos enterramentos, túmulos, das práticas fúnebres e das narrativas associadas aos espaços cemiteriais permite compreender melhor como diferentes culturas lidam com o fim da vida e como esses locais refletem as dinâmicas sociais e políticas de cada época.

Assim, os cemitérios vão além de serem apenas locais de luto e despedida, tornando-se territórios dinâmicos de memória e cultura. Neles, ocorrem celebrações religiosas, expressões populares e disputas simbólicas, refletindo a complexidade das relações sociais e urbanas. Ao serem analisados como espaços de memória e manifestação cultural, esses locais permitem uma compreensão mais profunda da interação entre sociedade, espaço e temporalidade, evidenciando seu papel fundamental na construção da identidade coletiva e na preservação do patrimônio histórico e cultural.

## **2.1 Apresentação dos cemitérios públicos municipais de Vila Velha**

Vila Velha é a cidade mais antiga do estado do Espírito Santo, sendo fundada oficialmente no ano de 1535. Sua história (e lenda) conta, do ponto de vista do colonizador, um leque de processos oriundos do modelo de colonização de exploração adotado por Portugal. Naquele momento, o povoado da vila era pequeno, e possivelmente, sua primeira necrópole tenha seguido a lógica europeia introduzidas pelos colonizadores, sendo construída em algum local nas proximidades da Igreja do Rosário, que é referência turística da cidade e do bairro da Prainha. De acordo com uma nota do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014)

“A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Vila Velha foi construída, primeiramente, como uma capela, na Prainha, em Vila Velha, lugar de desembarque do primeiro donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, em 23 de maio de 1535. No mesmo ano de 1535, iniciou-se a sua construção e, em 1551, com a ajuda dos jesuítas, foi ampliada atingindo sua dimensão atual. É a igreja mais antiga do Espírito Santo e uma das mais antigas do Brasil. Apesar de não haver vestígios materiais no local, a Igreja teve como anexo a Casa de Misericórdia, construída em 1595 e, tempos depois, transferida para Vitória. Outro anexo era um cemitério, onde esteve

sepultado Vasco Fernandes Coutinho, que foi removido do local por volta de 1915.” (IPHAN, 2014)

De acordo com o relatado pela autarquia federal, é possível afirmar que existiu, nas proximidades, um cemitério para a nobreza, já que o povoado em Vila Velha se iniciou na área compreendida hoje como Sítio Histórico da Prainha<sup>2</sup>.

**Figuras 7 e 8 - Vista frontal da Igreja do Rosário e Vista parcial do Convento da Penha e seu antigo portão de acesso.**



Fonte: Google Earth

Em contrapartida ao patrimônio histórico edificado, tombado e/ou protegido, pouco se sabe sobre os cemitérios municipais de Vila Velha, pois não houve um esforço para garantir a preservação documental destes espaços. O que resta, atualmente, são livros de controle antigos, com dados dos falecidos, locais de enterramento (quadras, números de sepulturas e linhas). Estes documentos são de domínio público e estão mantidos sob tutela da Secretaria

<sup>2</sup> Cercado de memória e afetividade, o Sítio Histórico da Prainha é o berço do Espírito Santo e também de todas as comunidades de Vila Velha. Oliveira e Pinheiro (2022) nos fazem pensar na construção de uma afetividade vinculada ao sítio histórico que perpassa as gerações, sendo ele além de referência turística, uma área cultural, de educação patrimonial e de festividade e memória – essa última sendo a principal forma de conferir afeto ao lugar. Além da Igreja e por ser o marco-zero do estado, a Prainha também é reconhecida como um dos sítios históricos mais antigos do Brasil colônia. Talvez o exemplo patrimonial mais famoso do Espírito Santo seja o Convento da Penha, localizado logo em um maciço granítico de frente para a baía. Este, além de sediar missas, é a sede católica para a anual Festa da Penha, comemoração que ocorre em honra à santa padroeira do estado, Nossa Senhora da Penha.

Municipal de Serviços Urbanos (SEMSU), especificamente, na subsecretaria conhecida simplesmente como “Gerência de Necrópole”. Esta gerência está encarregada de todo o trabalho acerca da manutenção, administração e prestação de serviços funerários à população residente no município.

**Figuras 9, 10 e 11 - Modelo de registros e arquivamentos em descontinuação pela Gerência de Necrópole**



Fonte: Arquivo dos Autores, PMVV.

A Gerência de Necrópole administra todos os seis cemitérios municipais em Vila Velha, contando com trabalho administrativo interno e com a licitação de empresas que forneçam trabalhadores terceirizados para as tarefas de manutenção, sepultamentos, exumações e organização dos espaços cemiteriais. (PMVV, 2024). Mais recentemente, Necrópole tem realizado cadastro em banco de dados a respeito dos sepultamentos, exumações e translados<sup>3</sup> e, por esse motivo, há uma maior organização e controle em todos os recorrentes procedimentos relacionados à morte e registros do fenômeno em escala municipal.

Mesmo sendo museus ao ar-livre, o necroturismo ainda é pouquíssimo incentivado pelas autoridades locais, e isso gera consequências negativas para a paisagem dos cemitérios e para

<sup>3</sup> Ato de transferir os restos mortais de um cemitério ao outro, respeitando as vontades familiares. Este processo só é realizado quando há demanda da família ou se existe uma necessidade extrema. É recomendável a realização apenas após um período completo de três anos, pois assume-se que neste tempo sob condições normais o corpo já tenha se decomposto o suficiente e tenha restado apenas a ossada e roupas do indivíduo, assim como partes do caixão, como plásticos, madeira e hastes de metal.

a reputação das autoridades quanto a forma que lidam com a morte e com a disposição cadavérica. É possível observar, dentre outras coisas, a dificuldade da administração pública em sanar todos os problemas destes espaços, embora haja um esforço recente para promover a revitalização e a requalificação desses espaços, como o levantamento topográfico e arquitetônico de todos os seis cemitérios da rede pública que ocorre desde meados de 2020 (Secretaria Municipal de Obras, SEMOB - PMVV, 2020). Não há incentivo ao turismo e nem mesmo a educação patrimonial nestes projetos. Seis cemitérios são administrados pelo

Nome	Código	Bairro	Área em m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal da Barra do Jucú	CBJ	Barra do Jucú	3.992,32 m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal da Ponta da Fruta	CPF	Morro da Lagoa	16.491,03 m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal da Praia de Ponta da Fruta	CPPF	Ponta da Fruta	1.487,72 m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal de Santa Inês	CSI	Santa Inês	32.965,81 m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal do Bosque	CB	Alvorada	10.163,30 m <sup>2</sup>
Cemitério Municipal do Centro de Vila Velha	CCVV	Centro	4.752,89 m <sup>2</sup>

Município e estão sob responsabilidade direta da Necrópole, sendo eles:

**QUADRO 1 - Informações básicas sobre os cemitérios municipais de Vila Velha**

Fonte: Arquivo dos autores; PMVV.

De acordo com a Gerência de Necrópole, apenas três destes cemitérios recebem regularmente sepultamentos, sendo eles o Cemitério Municipal da Praia de Ponta da Fruta (CPPF), da Ponta da Fruta (CPF) e de Santa Inês (CSI). Estes são os únicos que possuem espaço hábil para acomodar restos mortais, pois os demais estão em situação de total lotação ou se encontram com todos os túmulos vendidos e loteados para famílias moradoras das proximidades e, por estes motivos, possuem menor movimentação.

A venda, doação, ou concessão de jazigos nos cemitérios públicos brasileiros é uma prática comum que remonta o período em que as municipalidades foram delegadas a administrar os cemitérios em seu território. Esses lotes configuram-se até hoje como perpétuos<sup>4</sup> para as famílias que os adquiriram. Essa prática não ocorre mais no município de Vila Velha/ES, sendo a alternativa privada a mais prática para as famílias que desejam perpetuidade nas sepulturas. De acordo com o observado por Machado (2006)

Atualmente, a maioria dos administradores municipais encontra dificuldades para resolver os problemas funerários locais. Ademais, em muitos municípios é possível observar, claramente, o descaso para com a organização cemiterial. É, acima de tudo, um problema histórico. Não há, no Brasil, Lei Federal que discipline o Regime dos Bens Funerários, especialmente no que tange às necrópoles e às sepulturas. Não há, pois, Instrumento Legal que obrigue as municipalidades a darem prerrogativas às questões funerárias. Desse modo, sendo o serviço funerário de predominante competência dos municípios (interpretação sistemática à luz da Constituição Federal de 1988), há uma margem de liberdade por parte dos respectivos gestores públicos, quanto à conveniência e oportunidade de investimentos neste setor ou equipamento público. Daí tem-se, no Brasil, série desordem em relação às construções funerárias, cobrança de taxas mortuárias, construção de jazigos perpétuos e fiscalização dos Empreendimentos e serviços Funerários. (Machado, 2006, p. 148)

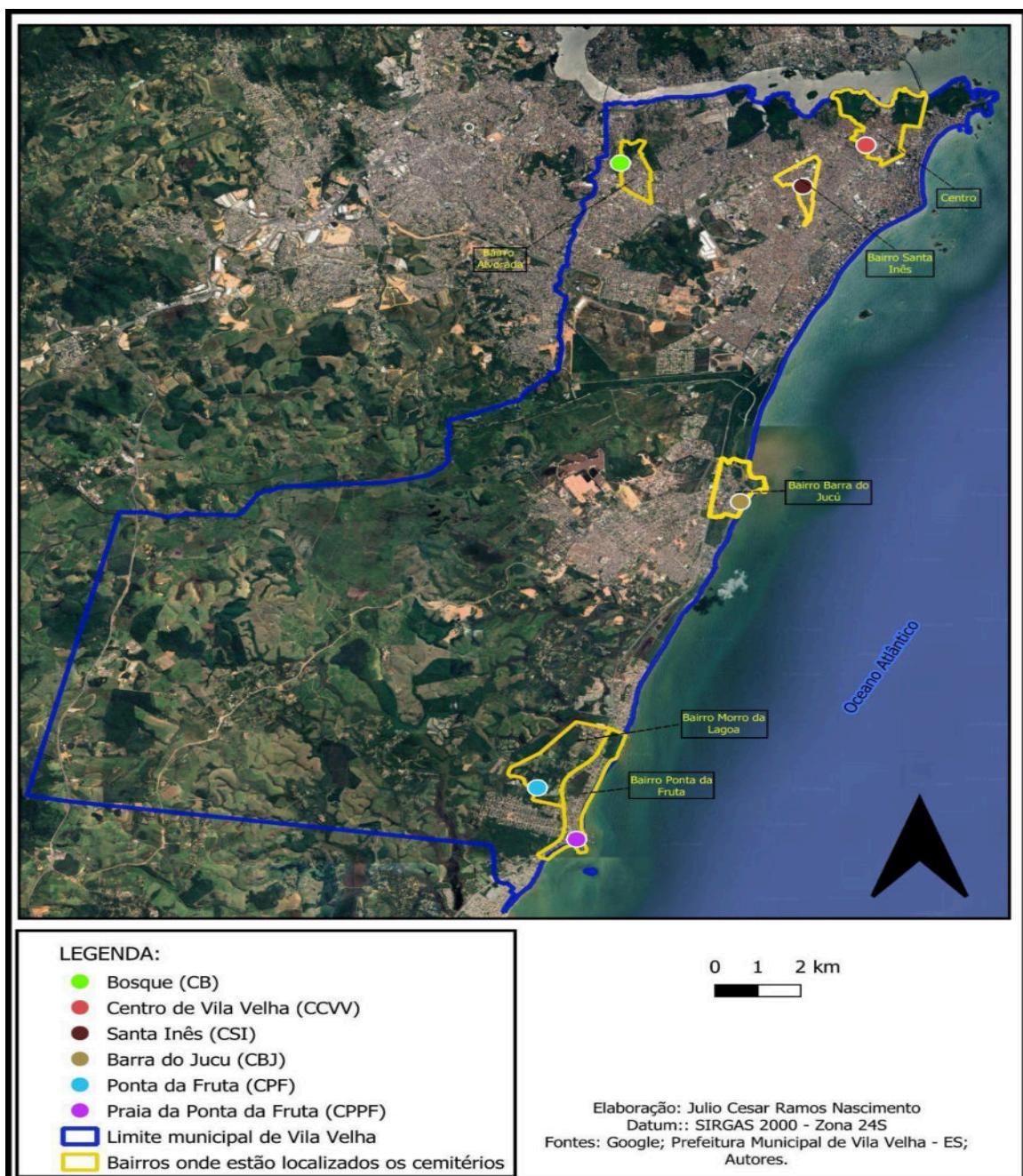
Machado (2006) nos faz compreender que há um interesse por parte das administrações públicas na venda e cobrança de taxas por jazigos. Este modelo, no entanto, se mostra impraticável na realidade geográfica de territórios finitos, pois, havendo uma sepultura perpétua para uma família e todos os seus descendentes, o espaço de um município se tornaria um espaço cemiterial em poucas décadas.

---

<sup>4</sup> Perpétuo é o termo coloquial que se utiliza para referir-se a jazigos, mausoléus e sepulturas que pertencem particularmente a uma família. Normalmente, estes passam de geração para geração, como bens de herança.

De acordo com o IBGE<sup>5</sup> (2022), o município de Vila Velha conta com 210,225 km<sup>2</sup> de área, sendo o segundo menor município da Região Metropolitana da Grande Vitória, atrás apenas da capital em extensão territorial. Tendo uma população residente de 467.722 pessoas (IBGE, 2022), Vila Velha é a segunda cidade mais populosa do Espírito Santo e a distribuição espacial dos cemitérios segue a mancha urbana da cidade.

**Figura 12 - Mapa da localização dos cemitérios municipais de Vila Velha**



Fonte: arquivo dos autores.

<sup>5</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística teve seus dados atualizados no último Censo Demográfico ocorrido em 2022.

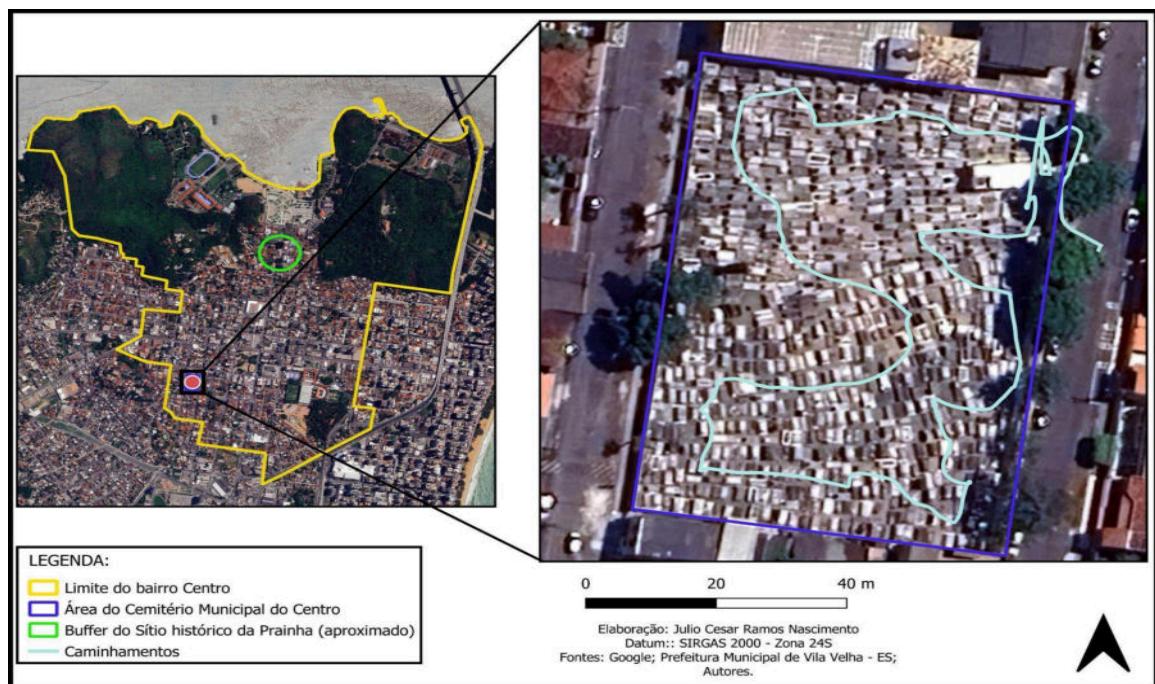
É possível analisar a distribuição geográfica dos cemitérios de Vila Velha como uma consequência do processo de urbanização. Vê-se que os cemitérios localizados na porção norte (CCVV, CSI e CB) do município são os mais antigos, devido à ocupação urbana ter se iniciado no bairro Centro (especialmente na Prainha) e se espalhado gradativamente para os demais locais banhados pela baía de Vitória. Segundo Siqueira (2001), devido ao crescimento populacional da cidade durante os anos da década de 1970, haveria maior necessidade de expansão para a região sul do município. Portanto, bairros como Ponta da Fruta, Santa Paula e demais localidades foram produtos da necessidade de espaço habitável para a população crescente. Já no caso da Barra do Jucú, a área é ainda mais antiga (ou, tão antiga quanto as ocupações do norte) que os demais bairros da mesma região, isto porque, trata-se de uma comunidade formada nas proximidades do rio Jucú por pescadores e suas famílias (SIQUEIRA, 2001).

## 2. APRESENTAÇÃO E ESTUDO DE CASO DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS MUNICIPAIS DE VILA VELHA

### 2.1 O cemitério Municipal do Centro de Vila Velha (CCVV)

Localizado no bairro Centro, em Vila Velha, o Cemitério Municipal do Centro de Vila Velha é a necrópole mais antiga da cidade, segundo dados fornecidos pela Gerência de Necrópoles.

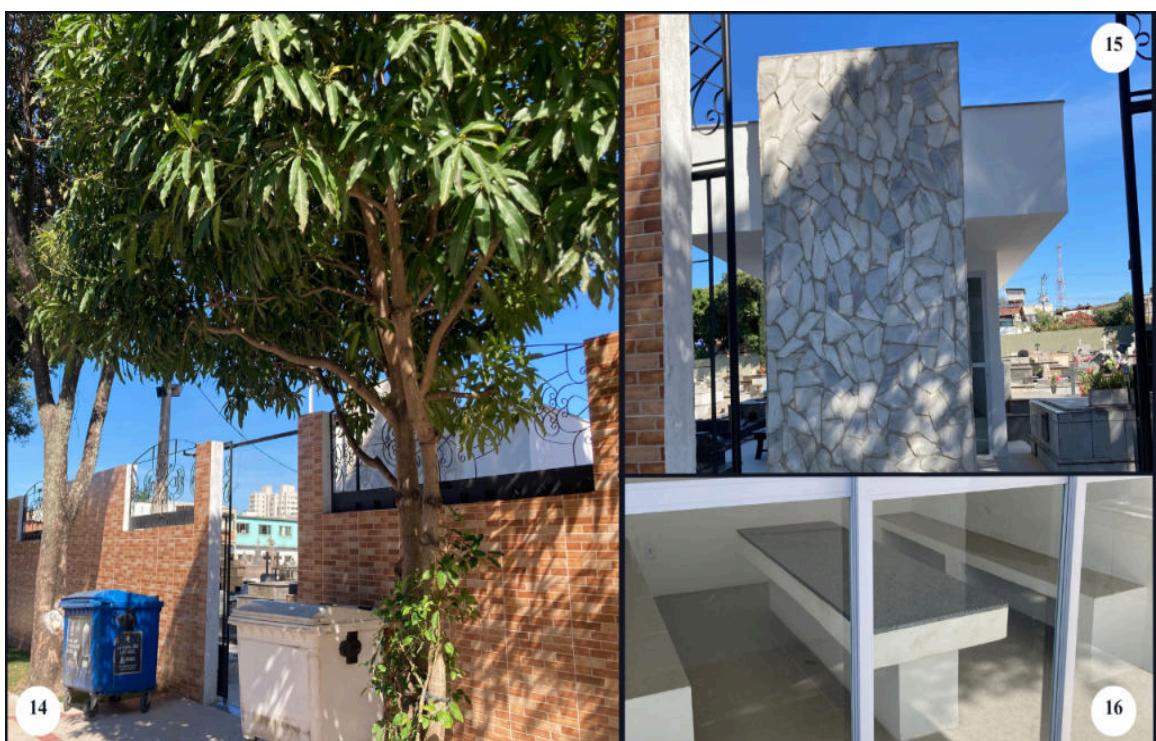
**Figura 13 - Mapa de localização do Cemitério Municipal do Centro de Vila Velha.**



Foi observado, em campo, que algumas sepulturas apresentam sepultamentos datando do início do século XX, de indivíduos que nasceram no século XIX. Pela localização deste cemitério, próxima ao sítio histórico da Prainha, é possível deduzir que seja o mais antigo dos edificados na cidade

Em relação aos aspectos paisagísticos e visuais, desde a requalificação do cemitério, sua fachada foi reconstruída e o muro aumentado. Quanto às sepulturas, por pertencerem a famílias (por motivos de perpetuidade), a maioria encontra-se em estado de abandono, sofrendo também com a ação do tempo e da natureza. Entre os demais aspectos observados, é possível notar diversas manifestações religiosas e culturais, majoritariamente católicas.

**Figuras 14, 15 e 16 - Respectivamente: Fachada do cemitério municipal de Vila Velha, exterior da capela mortuária e interior da capela mortuária.**



Fonte: Arquivo dos autores

A manutenção do interior do cemitério é feita de acordo com a necessidade. Por tratar-se de um espaço urbano e não muito grande, não há sinais de vegetação alta crescendo dentre os túmulos, mas há sim a interferência da natureza por meio de suas intempéries que acelera o processo de desgaste dos túmulos. Algumas famílias também acabam negligenciando suas sepulturas perpétuas, aumentando ainda mais a dificuldade em manter a paisagem menos

deteriorada. Por esse motivo, há um processo conduzido pela Gerência de Necrópole que visa buscar e notificar as famílias detentoras de jazigos perpétuos para registro no banco de dados do município e devida regularização de seus lotes.

**Figuras 17, 18 e 19 e 20 - Jazigos que compõem a paisagem do CCVV, além da notificação da Gerência de Necrópole em uma sepultura abandonada**



Fonte: Arquivo dos autores

Pode-se afirmar que há sim uma pluralidade muito grande nas formas e paisagens do CCVV. Por tratar-se de uma necrópole antiga, é comum encontrar sepulturas adornadas e bem elaboradas, com o viés cristão europeu em mente (figura 17). Entre outras coisas, o que se destaca neste cemitério é a arquitetura tumular e a preservação de alguns elementos que remetem ao início do século XX e final do século XIX.

Com a revitalização, o cemitério agora tem um espaço moderno para velórios de curta duração (tempo aproximado de 15 minutos, definido pela Prefeitura). O grande desafio, no entanto, se encontra no momento dos sepultamentos: por tratar-se de um cemitério antigo, de área pequena e sem chance de expansão – por estar localizado em um centro urbano de alta concentração de moradores e deslocamento de pessoas – há uma dificuldade muito grande em

<sup>6</sup> A sepultura da figura 17, além de sua arquitetura planejada e extravagante, possui uma inscrição quase apagada pelo tempo dizendo “Requiescat in pace” sendo ela a origem do famoso acrônimo “R.I.P.” e latim para “Descanse em paz”.

acessar a maior parte dos jazigos, pois a grande maioria destes encontram-se a poucos centímetros uns dos outros, tornando o trabalho de trafegar entre as sepulturas uma tarefa difícil, tanto para visitantes e turistas, quanto para os trabalhadores que ali atuam.

É estimado que existam aproximadamente 970 jazigos no CCVV. Sem um levantamento geodésico e topográfico, se torna difícil determinar, com exatidão, quantas sepulturas existem. De qualquer maneira, o número é estimado com informações oferecidas pela Gerência de Necrópoles.

**Figuras 22, 23 e 24 - Imagens de campo das aglutinações de túmulos**



Fonte: arquivo dos autores

De acordo com relato obtido no Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV, 2025)<sup>7</sup>, o cemitério do centro foi construído logo após as determinações do império (LEI Imperial de 01º de outubro de 1828), com o intuito de afastar da população mais nobre o espaço cemiterial, colocando em prática, assim, a política higienizadora das áreas nobres da cidade, que existem até os dias atuais. Este, foi transferido das proximidades da igreja do

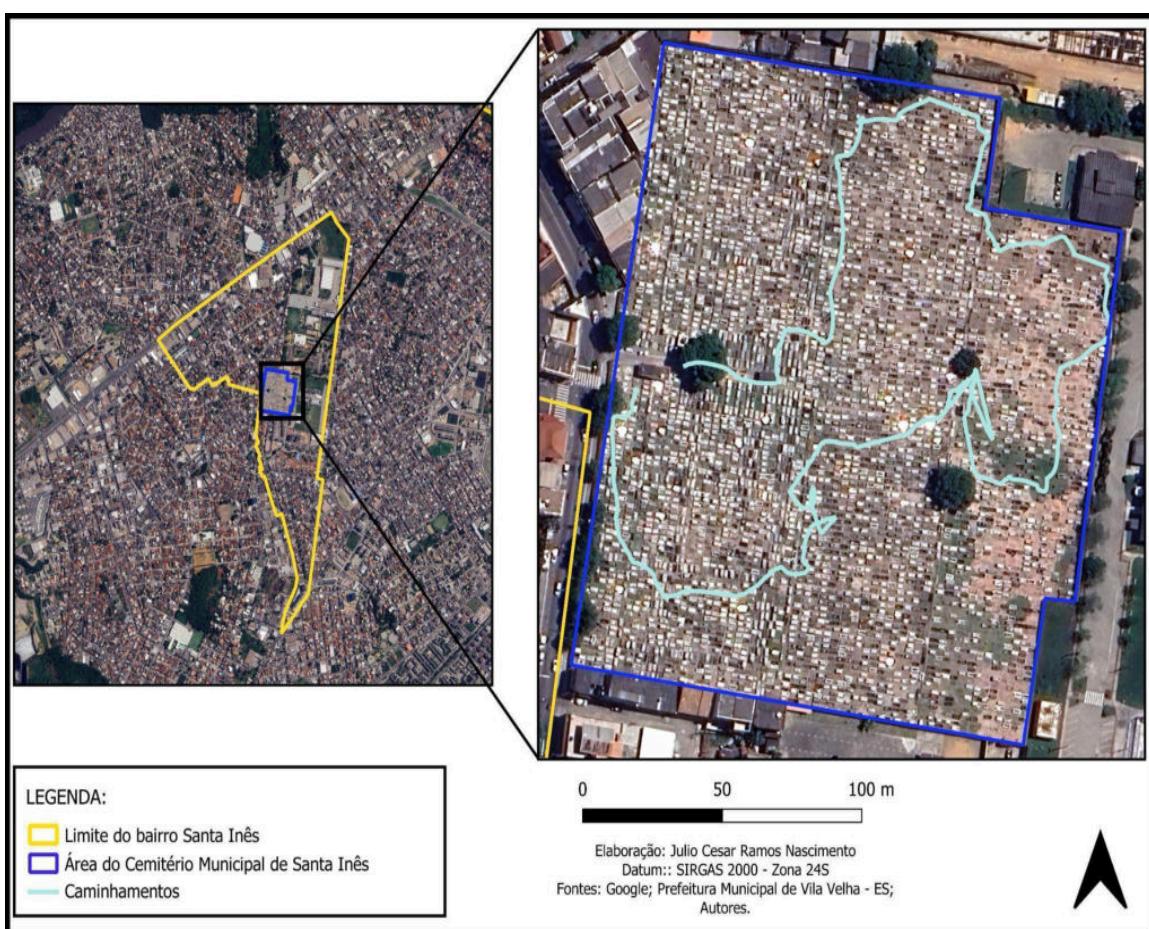
<sup>7</sup> Em janeiro de 2025, uma placa foi instalada em frente a nova capela mortuária do cemitério com algumas considerações sobre a história do local. Entre elas, há a informação que a área onde está edificado o cemitério atual chamava-se “Maxambomba” e era um bairro humilde de lavadeiras. Essa informação pode estar contida na publicação “Vila Velha: Seu passado e sua gente”, de 2002, mas esta fonte não foi encontrada.

Rosário para o local onde está atualmente, pois tratava-se de um bairro pobre, na época de sua ocupação original.

## 2.2 O cemitério Municipal de Santa Inês (CSI)

Localizado na Rua Ruy Braga Ribeiro, 900, no bairro Santa Inês, em Vila Velha-ES, é o maior cemitério da rede municipal de Vila Velha (32.965,81 m<sup>2</sup>). Sua localização, um tanto mais afastada do CCVV e sua dimensão nos dizem que sua edificação foi feita para comportar um número maior de sepulturas, o que leva-nos a pensar que o loteamento estava sendo pensado com o objetivo de servir ao público geral do município.

**Figura 25 - Mapa de localização do Cemitério Municipal de Santa Inês (CSI)**



Fonte: arquivo dos autores.

O Cemitério Municipal de Santa Inês, desempenha um papel significativo na história e desenvolvimento da região. Fundado possivelmente em meados do século XX, pois os livros mais antigos de registros de sepultamentos têm data de referência apenas a partir do ano de

1949 (PMVV, 2024), o que não exclui a possibilidade do cemitério existir a mais tempo e seu registro oficial apenas ter sido perdido e/ou ocultado pelo tempo.

Embora informações detalhadas sobre a fundação e evolução específica do cemitério sejam escassas nos registros públicos disponíveis, é possível contextualizar sua importância a partir da história do bairro em que se encontra.

Historicamente, a área onde hoje se situa o bairro Santa Inês era composta por terrenos arenosos e vegetação nativa. Durante um período, a região foi considerada desvalorizada, em parte devido à presença do cemitério e de áreas associadas a atividades marginalizadas. Com o tempo, o bairro passou por um processo de urbanização e desenvolvimento significativo, tornando-se uma das áreas mais desenvolvidas de Vila Velha. Esse crescimento foi impulsionado por iniciativas locais, incluindo a instalação de fábricas de confecções que geraram empregos e movimentaram a economia local.

A transformação do bairro Santa Inês reflete a dinâmica de muitas regiões urbanas que, apesar de um passado marcado por estigmas, conseguiram reverter sua imagem através do desenvolvimento econômico e social.

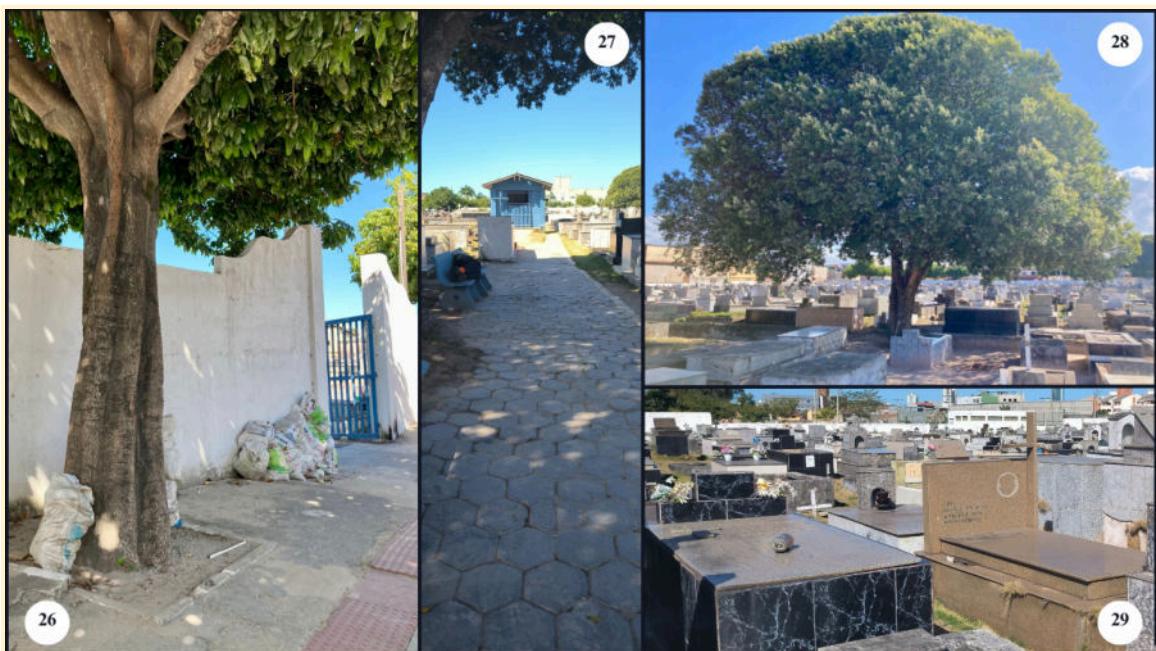
Em respeito aos aspectos paisagísticos do cemitério, é possível observar uma lógica organizacional muito maior na disposição das sepulturas. Ao contrário do CCVV, aqui é possível acessar áreas com maior facilidade (muito por conta da maior área em metros quadrados do cemitério), por haver uma ordem e espaçamento maior na disposição das sepulturas, que podem ser vistas na figura 21. Interessantemente, o CSI cresceu conforme o bairro e a necessidade de sepultamentos, portanto, suas quadras mais ao oeste possuem sepulturas com os pés<sup>8</sup> virados para a estrada central que leva à capela, enquanto os demais túmulos da porção leste foram edificados sem a orientação da estrada (que acaba, justamente, na capela mortuária).

O CSI é o cemitério com o muro mais alto de todos os cemitérios de Vila Velha (cerca de 2,5m de altura). Isso se dá, talvez, pela área ser mais movimentada e por motivos da população ainda a crença que estes espaços devem ser isolados dos espaços dos vivos.

---

<sup>8</sup> “Pé” é a expressão utilizada para definir a parte inferior dos caixões, onde ficam localizados os pés dos corpos do falecido(a).

**Figuras 26, 27, 28 e 29 - Respectivamente: Muro e portão (único); estrada até a capela; uma árvore crescendo na lateral de uma sepultura abandonada e, por fim, a vista sudeste do CSI.**



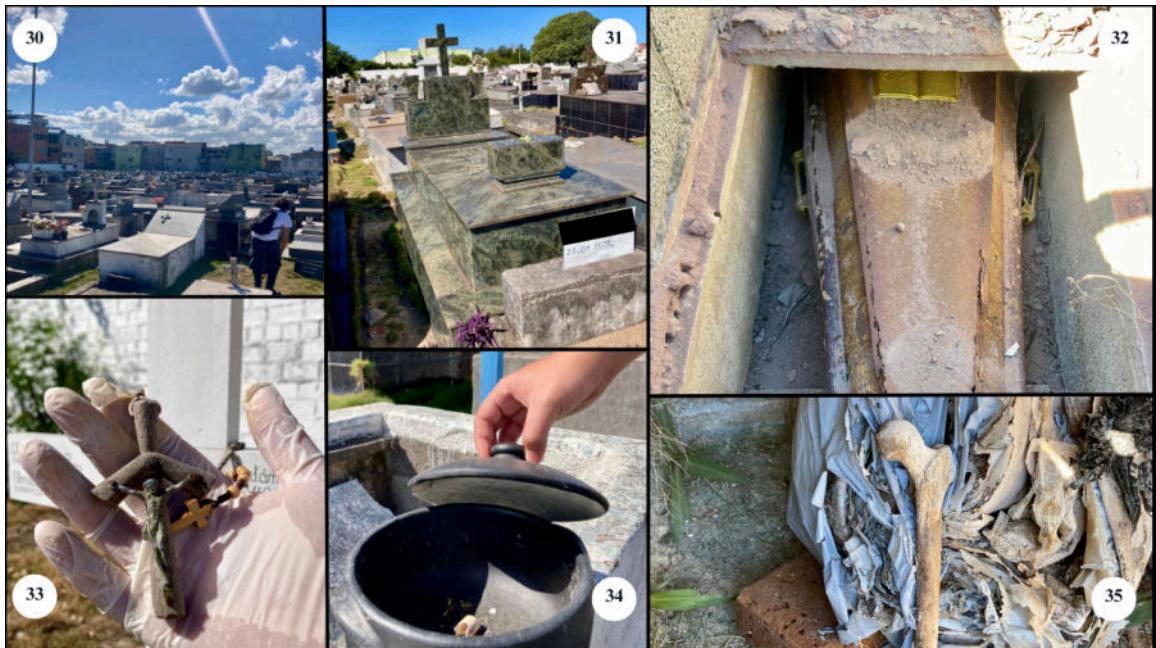
Fonte: Arquivo dos autores.

O CSI recebe sepultamentos mais regularmente que o CCVV, devido a área e número de jazigos maiores. O cemitério, ao longo dos anos, recebeu vários projetos de expansão, que culminaram em sua extensão atual.

Muitas famílias do bairro Santa Inês e de bairros adjacentes (IBES, Aribiri, Santa Mônica, Ataíde, Cocal, Glória, Soteco, etc.) são proprietárias de jazigos perpétuos neste cemitério. Por sua área, os números de sepulturas podem ultrapassar 10.000<sup>9</sup>, sem considerar os mausoléus familiares que possuem mais de duas câmaras funerárias.

<sup>9</sup> Essa estimativa é baseada apenas na planta topográfica do CCVV, disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Nenhum dado referente a quantidade de sepultamentos e sepulturas do CSI foi fornecido.

**Figuras 30, 31, 32, 33, 34 e 35 - Algumas imagens mostrando a morfologia da paisagem do CSI, manifestações religiosas, um túmulo com caixão exposto e restos mortais a céu aberto provenientes de uma exumação.**



Fonte: Arquivo dos autores.

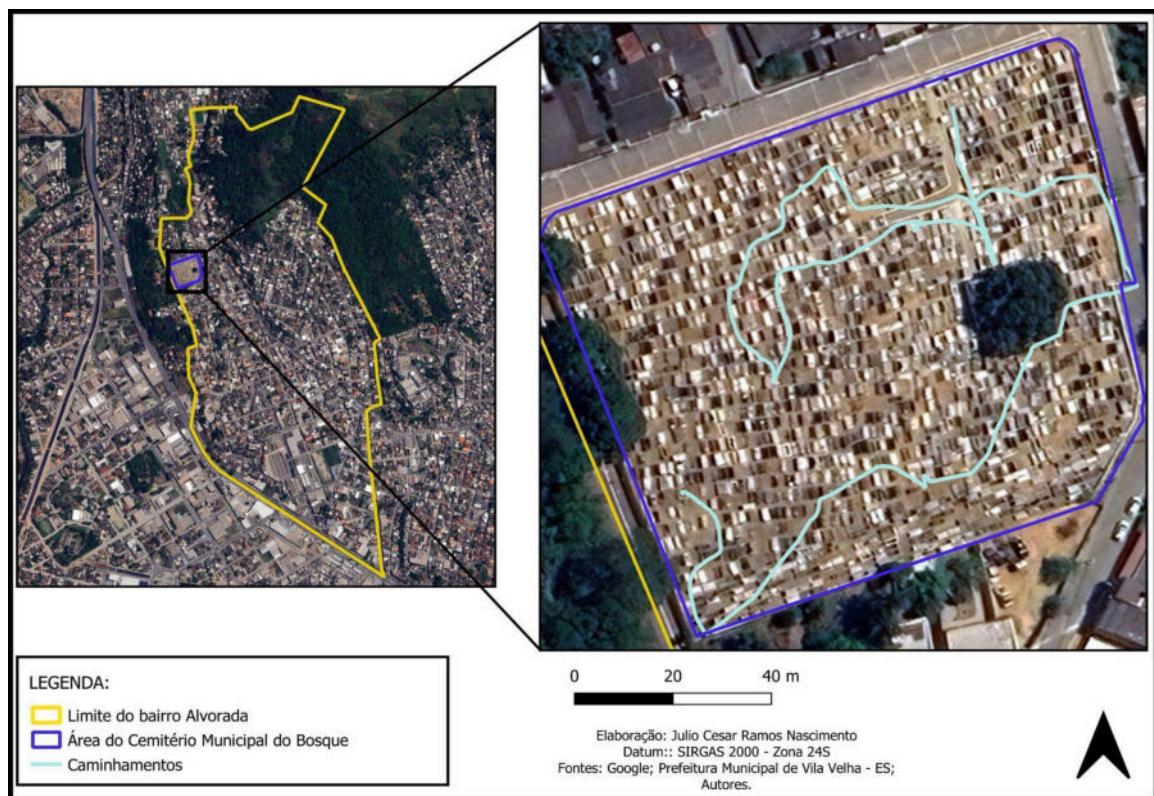
Novamente, enfatizamos que trata-se da maior necrópole do município. Construída sem planejamento e sem acessos para seus interiores, a ocupação de jazigos foi crescendo de maneira desordenada à medida que ocorriam doações, compras ou concessões para a população residente. Além de ser um espaço bastante diverso, com diversas sepulturas bem adornadas e com revestimentos impecáveis, é também visível uma dificuldade para manter o local limpo. Não é difícil de encontrar situações como as representadas nas figuras 32 e 35, já que há sim uma dificuldade de comunicação entre a administração e a população detentora das perpetuidades. O CSI é o cemitério que mais possui avisos idênticos ao ilustrado na figura 18, pois, devido ao maior número de túmulos, há um aumento diretamente proporcional do abandono por parte das famílias. Muitas pessoas nem sequer sabem da existência de seus jazigos perpétuos ou, simplesmente, não contactaram a prefeitura municipal para regularização dos mesmos, por motivos de desconhecimento, ou, até mesmo, de impossibilidade de mantê-los por fatores socioeconômicos.

## 2.3 O cemitério Municipal do Bosque (CB)

Este é o último cemitério da região norte do município de Vila Velha, tendo uma história similar aos dois primeiros já discutidos. Porém, alguns aspectos sobre a morfologia deste cemitério são muito diferentes dos demais, a começar por seu posicionamento geográfico. O cemitério municipal do Bosque encontra-se edificado em uma declividade, ou seja, na área de encosta de um morro. Isso, por si, já é um tanto diferente dos demais cemitérios, e os riscos de deslizamento das construções em encostas se aplicam também ao CB, que teve que sofrer diversas intervenções por parte da administração municipal para finalmente alcançar sua “estabilidade”. Ainda sim, o local se encontra em uma área de grande risco e é ideal que seu monitoramento seja feito constantemente.

Localizado na rua Rua Bela Vista, 36, no bairro Alvorada, possui uma área de 10.163,30 m<sup>2</sup>, o CB é a terceira maior necrópole do administrada pelo município, estando atrás apenas do Cemitério Municipal de Santa Inês (CSI) e do Cemitério Municipal da Ponta da Fruta (CPF), respectivamente.

**Figura 36 - Mapa de localização do Cemitério Municipal do Bosque (CB)**

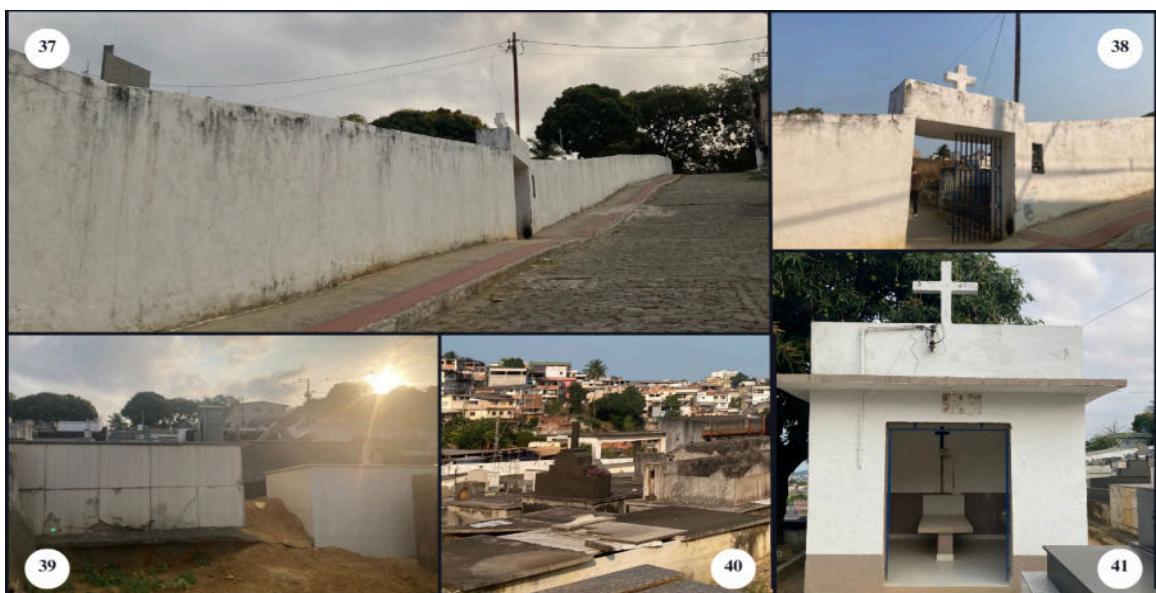


Fonte: Arquivo dos autores.

O bairro Alvorada iniciou-se como um povoado de trabalhadores do comércio e indústria. Às margens da rodovia Carlos Lindemberg, o bairro se expandiu possivelmente em direção ao norte, o que fez com que as habitações ficassem cada vez mais perto do morro do Pão Doce. As áreas de entorno do morro sofrem com deslizamentos de terra constantes e, por conta disso, foi-se elaborado, a partir de 2020 o plano de monitoramento e redução de riscos<sup>10</sup>. No total, 11 domicílios no bairro se encontram em risco alto (R3) de deslizamento (VILA VELHA, 2023).

O Cemitério Municipal do Bosque se encontra em risco de deslizamento, porém, ações foram feitas para mitigar o problema e evitar o colapso da necrópole. Em novembro de 2013, durante uma série de fortes chuvas, o muro lateral do cemitério desabou<sup>11</sup>, afetando a rua logo abaixo. É possível que restos mortais tenham sido carregados juntamente com o entulho. Desde o incidente, o muro de arrimo da lateral do cemitério é constantemente monitorado em épocas de chuvas fortes e a comunidade local ainda receia que a situação possa escalar num eventual desastre.

**Figuras 37, 38, 39, 40 e 41 – Muro; portão; terreno arenoso; panorâmica e capela.**



Fonte: Arquivo dos autores.

<sup>10</sup> Em 2020, foi anunciada a elaboração do Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) de Vila Velha. Os resultados do monitoramento, divulgados em 2023, mostram as áreas no entorno do Cemitério Municipal do Bosque em risco 2 (médio) e risco 3 (alto). Para mais detalhes, acessar: <https://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/protecao-e-defesa-civil-plano-municipal-de-reducao-de-riscos-geologico-s-pmrr>. Os resultados georreferenciados do plano podem ser encontrados em: <https://ide.geobases.es.gov.br/documents/1238>.

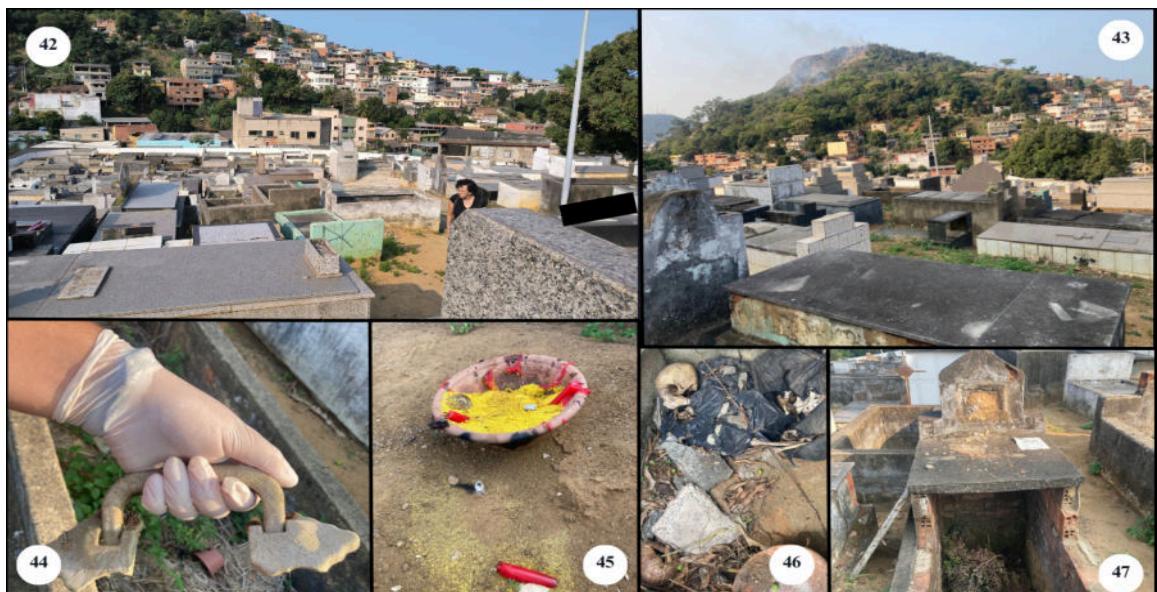
<sup>11</sup> Para mais informações, acessar: <https://glo.bo/1exIgm5>.

O CB encontra-se quase totalmente preenchido por sepulturas perpétuas. Por conta da sua posição geográfica incomum, há ainda um receio muito grande de serem realizados sepultamentos no local.

Fato é que o bairro Alvorada possui mais cinquenta anos de ocupação, sendo esta formada principalmente por trabalhadores, cujos lotes residenciais foram regularizados com o tempo. O bairro já foi conhecido como “Sapá”. A região onde fica localizada o cemitério ficou conhecida como Bosque justamente por ter tido, no passado, um número muito grande de árvores que auxiliavam na manutenção geomorfológica do local. Atualmente, sem essa mata, as áreas ficam expostas às intempéries.

Quanto ao cemitério, o local é extremamente pacato e de fácil tráfego (apesar da declividade). É possível observar diversos túmulos ornamentados, mas a grande maioria é bem simples e também demonstram estado de abandono pelas famílias proprietárias. A busca ativa da PMVV é muito mais evidente neste cemitério, pois parece ter sido o mais afetado pelo abandono das famílias – isso, muito possivelmente, devido às condições financeiras dos moradores da comunidade.

**Figuras 42, 43, 44, 45, 46 e 47 – Vista do cemitério; vista com o Morro do Pão Doce de fundo; Alça de um caixão antigo; Manifestação religiosa; Restos mortais ensacados e expostos e um túmulo abandonado com a solicitação da PMVV para identificação e cadastro dos proprietários.**



Fonte: Arquivo dos autores.

Trata-se de uma necrópole muito afetada pela ação dos elementos e do tempo. Apesar da facilidade em trafegar entre sepulturas, o terreno íngreme e arenoso torna algumas trilhas um tanto desafiadoras.

**Figuras 48, 49 e 50 – Demonstração da declividade do terreno do cemitério, foto da quadra oeste; Pipa encontrada no local; Jovem nos mostrando a linha da pipa que estava usando naquele momento.**



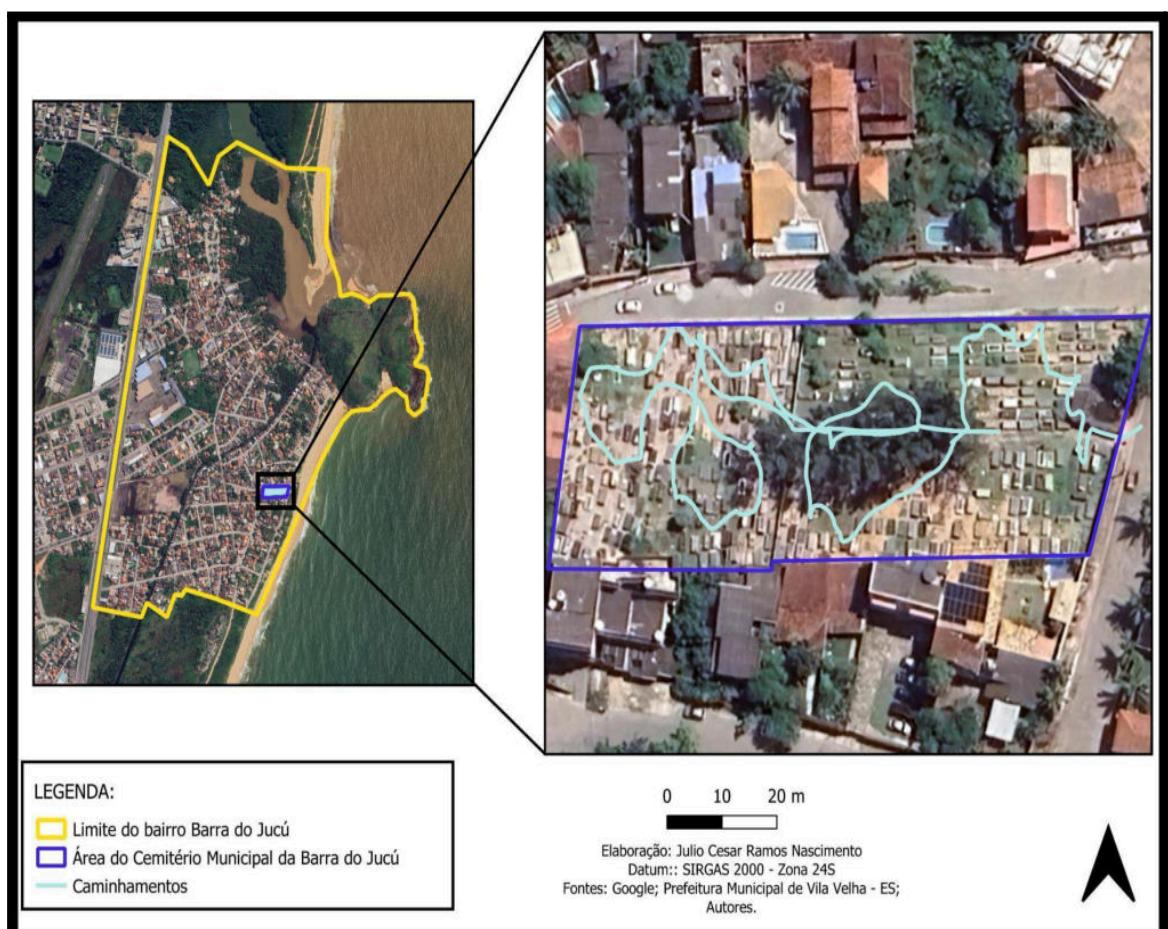
Fonte: Arquivo dos autores

Durante a visita, pudemos nos encontrar com adolescentes soltando pipa dentro da necrópole, algo que nos fez pensar ainda mais no propósito e potencialidade desses espaços. Será que cemitérios em Vila Velha servirão apenas para visitações em datas específicas, ou podem ser aproveitados como espaços de lazer e de reconhecimento da memória do bairro, microrregião e de outras escalas espaciais?

## 2.4 O cemitério Municipal da Barra do Jucú (CBJ)

O Cemitério Municipal da Barra do Jucu, localizado na Avenida Praia, s/n, no bairro Barra do Jucu, em Vila Velha, Espírito Santo, é um dos cemitérios administrados pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. Embora informações detalhadas sobre a história específica deste cemitério sejam limitadas nos registros públicos disponíveis, é possível contextualizar sua importância a partir da história e desenvolvimento da região onde está inserido.

**Figura 51 - Localização do Cemitério Municipal da Barra do Jucú (CBJ)**



Fonte: Arquivo dos autores.

A Barra do Jucu é um balneário situado a aproximadamente 15 quilômetros do centro de Vila Velha. Conhecida por suas belezas naturais, a região abriga montanhas, rios, mar, lagoas e reservas ecológicas, tornando-se um local de destaque no município. Além disso, é uma região rica em história e cultura, marcada pela interação entre diferentes povos e tradições culturais. Inicialmente habitada por povos indígenas - Tupis-Guaranis e Tapuias, a região passou por

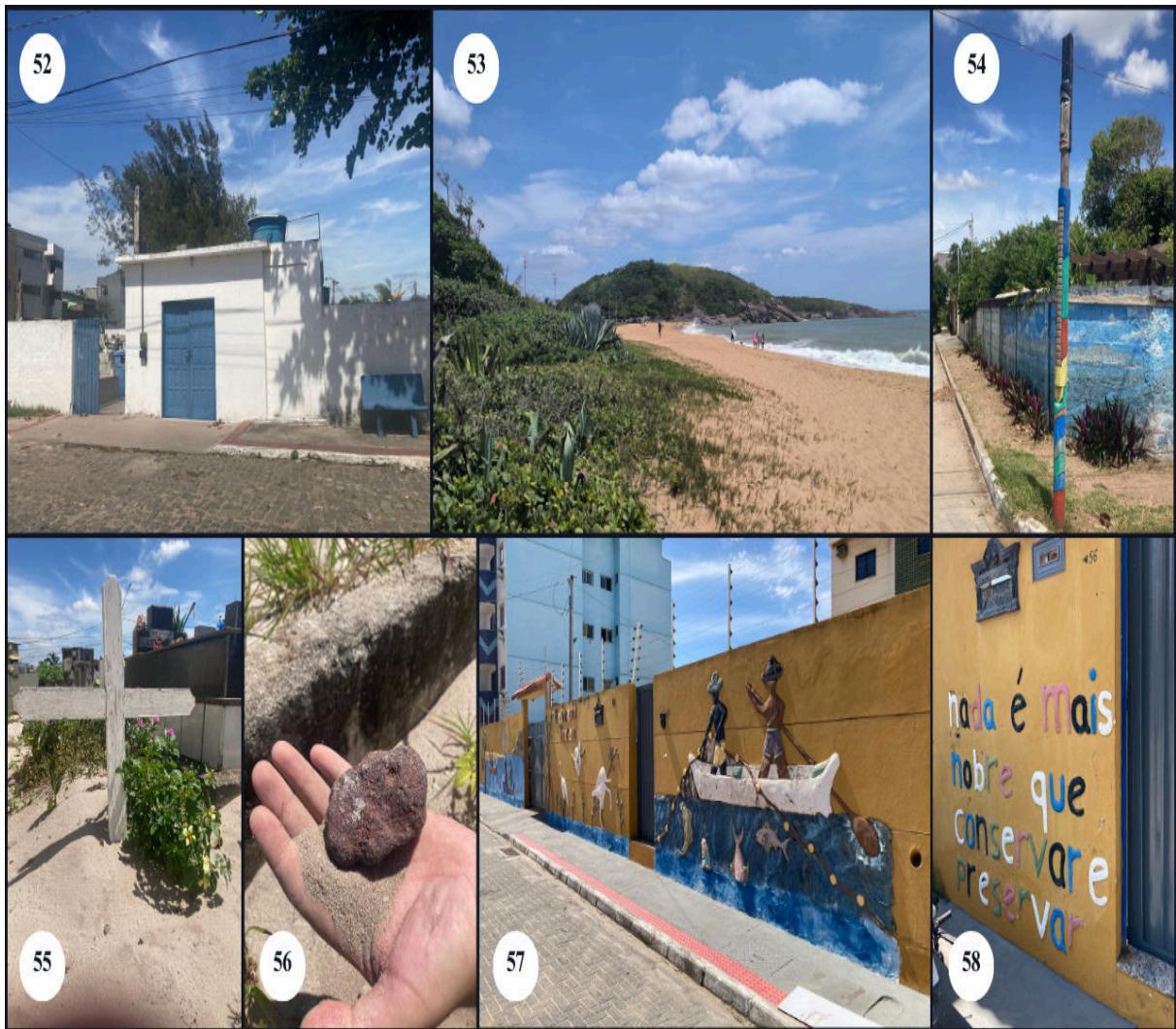
transformações significativas com a chegada dos jesuítas no século XVI, que estabeleceram missões e contribuíram para o desenvolvimento agrícola e cultural local. Segundo Galvães (2005), a presença jesuítica foi essencial para a organização social e econômica da região, influenciando costumes e práticas que perduram até hoje.

O desenvolvimento econômico da Barra do Jucu esteve diretamente ligado à pesca, à agricultura e ao comércio fluvial, com o Rio Jucu desempenhando um papel central como via de transporte essencial para a exploração do interior capixaba. Em 1812, durante uma visita pastoral, Dom José Caetano da Silva Coutinho registrou as dificuldades enfrentadas pelos moradores na prática religiosa e autorizou a construção de um oratório com cemitério e pia batismal na Fazenda do Jucu, pertencente ao Coronel Bernardino Falcão de Gouveia Vieira Machado, fortalecendo a presença da Igreja na localidade.

Com o crescimento urbano e as mudanças ambientais trouxeram desafios à comunidade, como a necessidade de preservar áreas naturais importantes, incluindo o manguezal e a Reserva Ecológica Estadual de Jacarenema. A luta pela preservação desse ecossistema demonstra o engajamento da população local na busca por um equilíbrio entre desenvolvimento e conservação ambiental.

Além de seu valor histórico, a Barra do Jucu destaca-se por suas manifestações culturais, sendo um importante centro da cultura capixaba. Entre as expressões mais significativas está o congo, ritmo musical e dança de origem africana que se consolidou na região e se tornou símbolo da identidade local. Bergmann (2022) destaca que o congo, presente em diversas festividades, representa a fusão de influências africanas, indígenas e europeias, sendo um elemento essencial na construção da memória coletiva da Barra do Jucu. O carnaval também possui forte tradição, com destaque para o Bloco dos Mascarados, cujas festividades preservam elementos culturais transmitidos ao longo das gerações.

**Figuras 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58 -** Respectivamente: Muro, portão e capela; Praia e vegetação de restinga próximas ao cemitério; Monumento Casaca, representação cultural do congo, localizada na esquina da quadra do cemitério; Solo arenoso do cemitério; Arenito, rocha sedimentar, comum no cemitério da barra; Arte em muro reafirmando a importância de se manter a história da formação cultural do local; Arte em muro sobre a conscientização e importância da preservação, para a comunidade local;



Fonte: Arquivo dos autores.

Pela proximidade com a praia e por estar em uma zona de predominância de restinga, o cemitério tem o solo bastante arenoso. A areia é bastante quartzosa e possui uma diversidade granulométrica. É possível observar conchas intemperizadas na composição do solo, que nos indica que a areias das camadas mais superficiais do solo não devam ser originárias da área. Além disso, essa localização do cemitério próximo à praia originou a denominação de um dos pontos de surf da região como "pico do Cemitério", situado no canto direito da praia, evidenciando a integração do cemitério ao cotidiano e à cultura local.

**Figuras 59, 60, 61, 62, 63 e 64 - Respectivamente: Paisagem ao entrar cemitério; Túmulos sendo divididos por um muro onde do lado esquerdo é o “cemitério velho” e do lado direto do muro é o “cemitério novo”; Capela; Túmulo com a imagem de São Jorge (manifestação cultural); Túmulo danificado contendo uma caixa com ossada exposta; Túmulo com identificação da prefeitura na tentativa de localizar os responsáveis;**



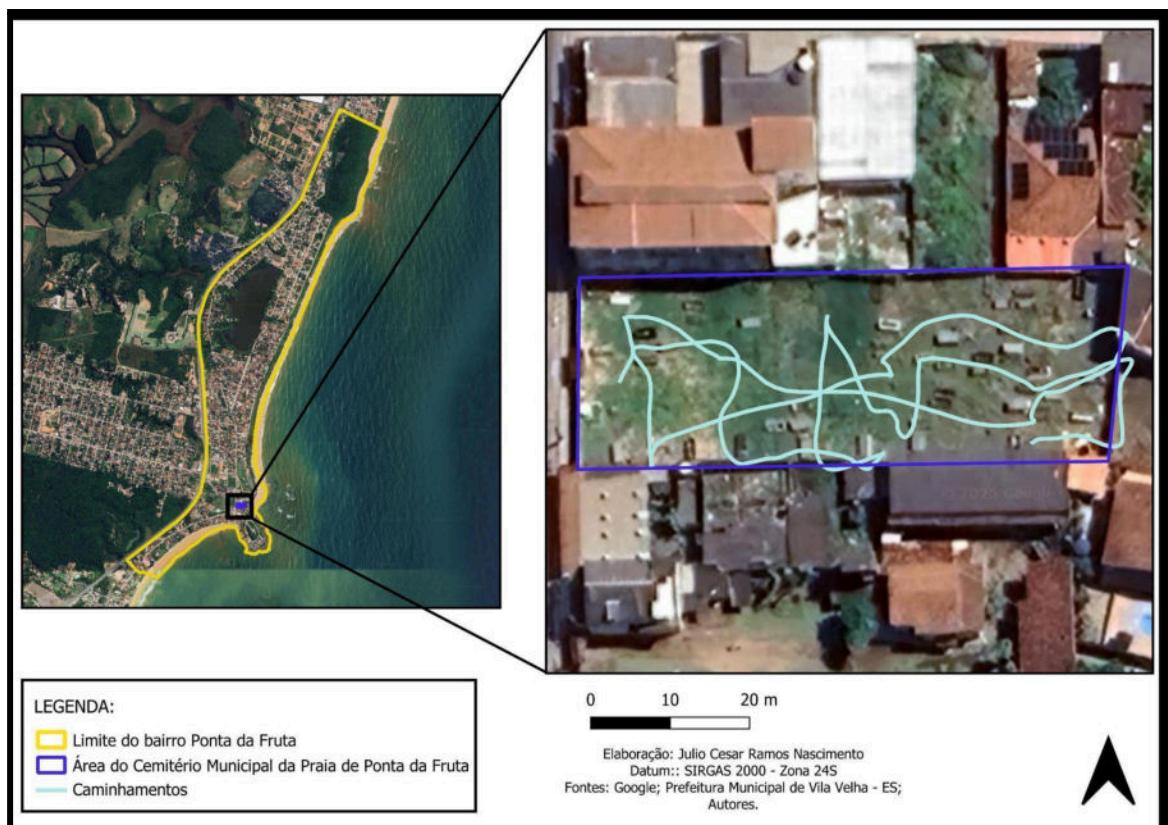
Fonte: Arquivo dos autores.

O cemitério da Barra do Jucu exemplifica uma prática recorrente em diversas comunidades, onde os espaços funerários são estabelecidos próximos às áreas de moradia, permitindo maior proximidade para a realização de ritos fúnebres e a visitação aos entes queridos. Ao longo do tempo, a necessidade de novos espaços para sepultamentos levou à ampliação do cemitério, resultando na divisão entre o "cemitério velho" e o "cemitério novo" (Figura 60). Essa distinção reflete o crescimento populacional da região e a evolução na organização dos espaços funerários, com o setor mais antigo abrigando sepulturas tradicionais e o mais recente apresentando uma estrutura para atender às demandas atuais da comunidade.

## 2.5 O cemitério Municipal da Praia de Ponta da Fruta (CPPF)

Presente cemitério faz parte, juntamente com o Cemitério Municipal da Ponta da Fruta (CPF) da dupla de necrópoles mais recentes edificadas pelo município. À primeira vista, o local onde ele está inserido é bastante movimentado e próximo a praia, o que configura a paisagem com o domínio de restingas e gramíneas baixas.

**Figura 65 - Mapa de localização do Cemitério Municipal de Praia de Ponta da Fruta (CPPF)**



Fonte: Arquivo dos autores.

Com área de apenas 1.457,72m<sup>2</sup>, o CPPF é o menor cemitério do município, localizado na Avenida da Praia, s/n. Nessa mesma avenida, seguindo à leste, leva diretamente a uma das porções da praia de Ponta Fruta, onde há bastante tráfego de pessoas, barracas de fast food e músicas ao vivo. Poucas produções científicas sobre a história e desenvolvimento geográfico do bairro. Um dos grandes problemas que a área sofre é o avanço do mar e a diminuição das linhas de costa. De acordo com Baldom, Zucolotto e Hortélio (2018):

“A ocupação desordenada da orla de Ponta da Fruta é o principal causador dos problemas socioeconômicos da região, visto que a idade dos imóveis da

orla não supera 25 anos e já estão sofrendo com um processo erosivo avançado.” (p. 13)

Desde o início da ocupação tardia, além do isolamento geográfico em relação aos bairros mais centrais de Vila Velha, a Ponta da Fruta e bairros adjacentes sofrem com a prestação de serviços básicos por parte do município. Esse cenário vem mudando nos últimos anos, com criação de infraestruturas em várias ruas do bairro vizinho, Balneário Ponta da Fruta.

Diferente de todos os outros cemitérios que foram aqui discutidos, o CPPF tem uma qualidade especial: o ciclo de sepultamentos<sup>12</sup>. Isso possibilita o aproveitamento da área (que é pequena), mas também configura uma prática mais ecológica. Enquanto os cemitérios próximos ao centro da cidade estão lotados, o CPPF, fazendo uso do ciclo de sepultamento e exumação a cada três anos para abrir espaço para mais um enterramento é, de fato, uma legítima forma de contornar um problema do passado, aproveitando o espaço cemiterial. Isso é uma medida importante para que não haja uma grande quantidade de sepulturas perdidas, abandonadas ou em condições precárias.

**Figuras 66, 67, 68 e 69 - Muro e portão; um túmulo quase irreconhecível por conta da vegetação; vista leste do cemitério; vista sudoeste.**



Fonte: Arquivo dos autores

<sup>12</sup> Ciclo de sepultamentos é o nome que se dá a prática de enterramento do cadáver humano e aguardar cerca de três anos até que os restos mortais estejam completamente decompostos. Em situações climáticas normais, por conta da areia da praia e outras intempéries, esse ciclo pode funcionar. Porém, nem sempre é algo que ocorre, então, com exumação incompleta, o corpo do indivíduo é posto de volta no túmulo e são aguardados mais três anos para realização de uma nova exumação.

É importante ressaltar que este cemitério é o único do município que permanece fechado, sendo trancado com cadeado e apenas os trabalhadores dos cemitérios têm acesso. Isso deve ocorrer por conta das condições físicas do espaço, e por ele ser pouco utilizado em relação ao Cemitério Municipal da Ponta da Fruta (CPF).

O local é ermo e a paisagem bastante melancólica. O estado de manutenção nos diz que não há um esforço muito grande em revitalizar o local, porém, nele ainda ocorrem sepultamentos regulares. A vegetação entre os túmulos é tão alta que é um desafio andar, alguns túmulos ficam completamente abertos e outros até servem de habitat para animais, como gatos e corujas-buraqueiras.

O solo é arenoso e possui conchas em sua composição, mas por ser não muito próximo da praia, os riscos de erosão costeira são muito menores (BALDOM, ZUCOLOTTO E HORTELIO, 2018). A areia fofa, por outro lado, é uma das dificuldades do campo, além da demarcação não muito precisa das sepulturas, o que deixa o tráfego de visitantes e trabalhadores dentro do cemitério desafiador.

**Figuras 70, 71, 72, 73 e 74 – Respectivamente: Cruzes demarcando sepulturas; Um túmulo completamente tomado pela vegetação; uma coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*); o muro sul sendo dividido com uma área residencial; a única cruz de mármore de todo o cemitério.**



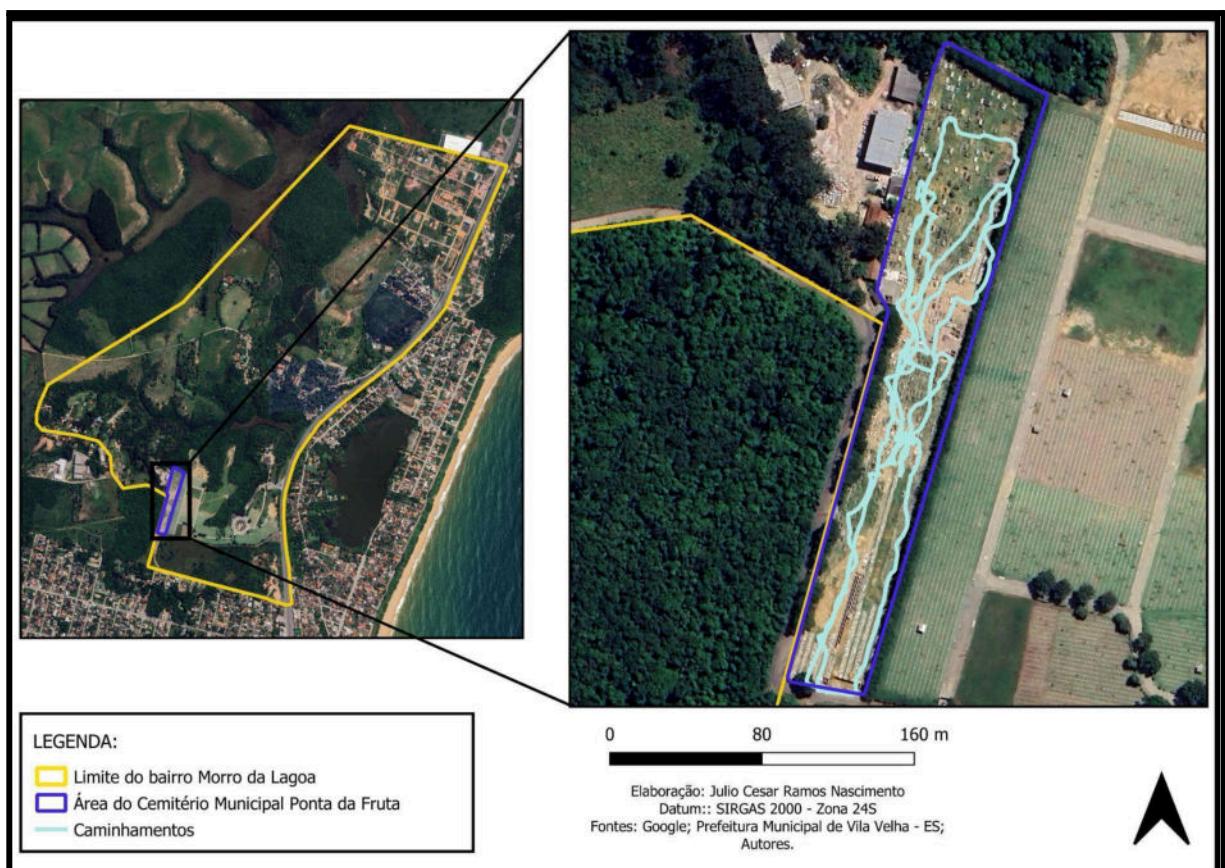
Fonte: Arquivo dos autores

O que mais chama atenção no CPPF é por tratar-se de um cemitério pequeno e, mesmo assim, não possuir tantos túmulos. Não possui capela mortuária e nem mesmo infraestrutura para conforto dos trabalhadores, o que indica que é utilizado apenas para sepultamentos e nada mais.

## 2.6 O cemitério Municipal da Ponta da Fruta (CPF)

Localizado no bairro Morro da Lagoa (Vizinho oeste do bairro Ponta da Fruta) na rua Angelino Pinto do Espírito Santo, s/n, encontra-se o Cemitério Municipal da Ponta da Fruta (CPF). Este cemitério é um dos mais interessantes dentre todos os já discutidos até agora, não apenas por sua diversidade paisagística, mas também por sua postura quanto à disposição cadavérica.

**Figura 75 – Mapa de localização do Cemitério Municipal de Ponta da Fruta (CPF)**

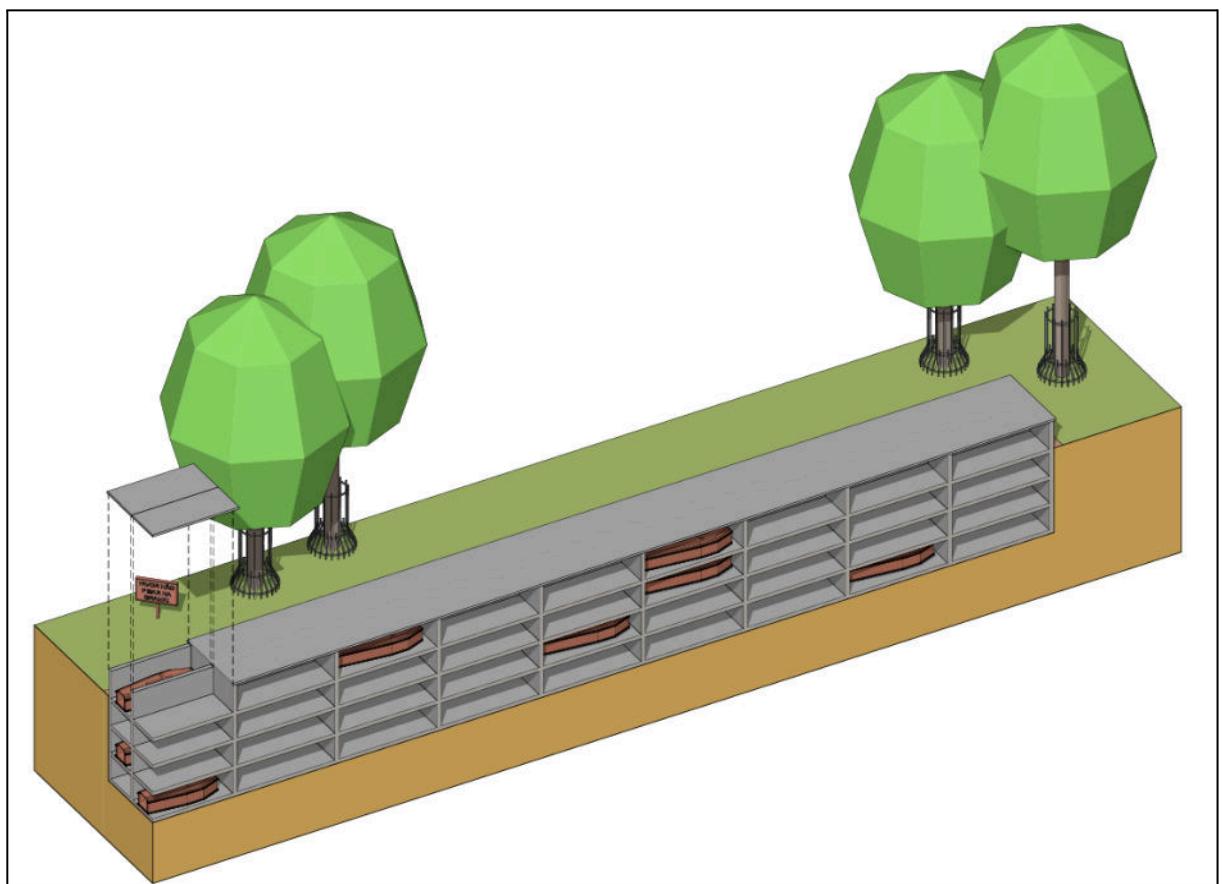


Fonte: Arquivo dos autores.

Observável pelo mapa, é possível ver linhas verticais em direção ao norte. Todas essas linhas contam com diversos túmulos, conectados pelas mesmas paredes, que comportam até quatro

corpos por vez<sup>13</sup> em sepulturas verticais. Após completar o ciclo de 3 anos (dependendo, também, se o cadáver teve ou não sua decomposição completa – isto é, esqueletização) as famílias são contactadas para que os trabalhadores do cemitérios façam a exumação dos restos mortais e entregue-los a família do falecido(a), para que a mesma, ou leve os restos para algum jazigo alugado em cemitérios particulares, ou, em caso de não interesse familiar, a Prefeitura pode também apenas deixar os ossos em câmaras mais baixas dos novos jazigos – pequenos ossuários – para serem acumulados e, finalmente, decompuestos por completo com o passar dos anos. Dessa última prática, veio a expressão curiosa expressão “colocar no pé”, emitida por um dos funcionários administrativos da Prefeitura, que significa, justamente, deixar os restos na câmara mais funda até que algum parente ou familiar venha clamar os restos mortais.

**Figura 76 – Modelo arquitetônico 3D das câmaras funerárias existentes no CPF.**



Elaboração: Guilherme Figueirêdo Araujo - 2025

<sup>13</sup> O ciclo de sepultamentos ocorre no CPF com muito mais frequência, pois suas novas instalações foram destinadas a isso. Existem túmulos com quatro câmaras que são lacradas para que sejam feitos os sepultamentos. Só é permitida a exumação dos restos mortais de todos sepultados nas quatro câmaras verticais se o do topo tiver passado o limite mínimo de 3 anos.

Este modelo de sepultamentos é, sem dúvida, o mais ecológico do município atualmente, pois não requer tanto espaço e a manutenção é feita de maneira muito mais prática.

É claro que, culturalmente, observamos uma noção de descaso muito grande pelos populares que tiveram seus entes queridos ali enterrados. Cemitérios com grandes e ornamentados mausoléus são detidos por famílias mais nobres, mas não é por isso que a criação de uma alternativa para o enterramento da população geral seja algo ruim. Países como os Estados Unidos estão ficando gradativamente sem terras para sepultamento, justamente pela prática predatória de vender túmulos e não remover os restos mortais, deixando, ao longo das eras, apenas um buraco vazio e uma lápide corroída pela chuva e pelos ventos. (BARVE, 2013).

Por ter sido fundado em meados da década de 90, o CPF é, sem dúvidas, a mais nova de todas as necrópoles municipais. Ainda, naquele momento histórico, havia a prática de doação de lotes para as famílias, ou seja, enquanto um lado do cemitério é formado por túmulos perpétuos, o outro é formado pelos túmulos novos, de sepultamento e exumação cíclica.

**Figuras 77, 78, 79 e 80 – Vista do portão principal; portão secundário na lateral; capela mortuária; porção norte com maioria de sepulturas perpétuas.**



Fonte: Arquivo dos autores

Duas paisagens completamente diferentes, dentro de um único cemitério é bastante incomum para os padrões da cidade, e isso torna o CPF o mais interessante de todos. Com essa nova lógica de enterramentos, é menos custoso, mais eficiente e, um tanto excêntrico. Muitas das famílias não gostam da ideia da reciclagem de túmulos públicos, mas isso talvez seja o efeito causado pela existência da noção de pertencimento cultural enraizado nas pessoas em vida e em morte.

**Figuras 81, 82, 83, 84 e 85 – Respetivamente: Fundos do cemitério, onde as obras estão parcialmente prontas e o calçamento sendo instalado; área onde as câmaras funerárias de quatro andares ainda estão em processo de construção e aterramento (entre túmulos); covas abertas na entrada do cemitério; imagem de um anjo em cima de uma das sepulturas; sepulturas utilizadas com nome do sepultado, quadra, código e ano.**



Fonte: arquivo dos autores.

É observável em campo que praticamente todas as sepulturas do topo foram ocupadas no período da pandemia em diante. As obras neste cemitério se iniciaram justamente no ano de 2020, já que o número anormal de mortes obrigou a administração municipal a alugar jazigos no cemitério particular (PMVV, 2024), que fica ao leste do CPF, logo atrás do muro leste.

Pudemos acompanhar um sepultamento e, como já suspeitávamos, houveram críticas ao estado físico e paisagístico do cemitério. Um dos populares comentou que “preferia ser enterrado na Bahia, pois lá ao menos a gente tem a nossa própria sepultura da família. Isso aqui é desumano!”. Mais uma vez, a ligação do homem com seu lugar de origem. Com isso, voltamos a Lawers (2015), que afirma:

[...] se os vivos acorriam ao próprio local onde enterravam seus mortos, é porque eles queriam sua presença. O cemitério era, como efeito, o lugar dos pais e dos ancestrais. [...] Os ancestrais sepultados na terra do cemitério representavam a autoridade e encarnaram a norma, eles inspiraram as ações dos vivos, presidiam a suas trocas (materiais e simbólicas), davam garantia a seus julgamentos. (LAWERS, 2015, p. 20 e 21)

Não apenas por questões de orgulho que há uma necessidade de conexão simbólica com o espaço cemiterial, à memória e a representação do “jazer em paz, para sempre” é ainda muito comum na cultura cristã. Ariès (1977) nos aponta a existência de um sentimento nostálgico pelo espaço cemiterial, pelo jazigo familiar. Isso confirma a ideia de Lawers (2015) de que estamos completamente conectados ao lugar em que enterramos os nossos ancestrais, e o ato de exumar a ancestralidade de muitas famílias, certamente impacta emocionalmente àqueles que se apegam ao espaço dos mortos e fazem seus rituais, ou, até mesmo, acreditam no pós-vida.

### **3. POR UMA NECROGEOGRAFIA BRASILEIRA**

#### **3.1 Necrogeografia: Os cemitérios como laboratórios de análise espacial**

Necrogeografia e o estudo das paisagens mortuárias é um ramo da geografia, da arquitetura e arqueologia que vem tomando forma desde o início do século XXI. Como dito por Semple e Brookes (2020):

“Até mesmo os estudos mais superficiais da literatura sugerem que Necrogeografia – o uso dos mortos para demarcar e reforçar paisagens dos vivos – manteve um espaço integral nas ações pré-humanas e humanas por milhares de anos. Esse

reconhecimento levou vários autores a examinar o assentamento e a presença de monumentos funerários relacionados ao mundo dos vivos como uma forma de concluir sobre atitudes para com os mortos de sociedades passadas.” (Semples e Brookes, 2020, p. 3)<sup>14</sup>

Como já discutido anteriormente, a memória, o pertencimento e a necessidade de se assentar próximo aos seus mortos sempre foi da natureza humana. O instinto de proteger os mortos tanto da natureza quanto da própria decomposição remonta até os períodos mais antigos da humanidade e diferentes sociedades interpretam essa máxima de sua forma cultural específica. Viver com os mortos não é morar dentro de uma sepultura, mas sim aceitá-los como parte indissociável do espaço geográfico, assim como também aceitar as paisagens mortuárias que são edificadas para acomodar os falecidos até o momento de sua inexistência como matéria. Cemitérios, então, são áreas suscetíveis à política, cultura e revelam tanto sobre os vivos quanto dos mortos. (Semples; Brookes, 2020).

Pegaia (1967) defende a ideia de uma nova área da geografia que se baseie apenas no estudo da morte e suas consequências para a paisagem geográfica. O autor, argumenta também que:

“Atualmente, graças ao fato das necrópoles se constituírem em locais independentes, de se apresentarem em número e com dimensões consideráveis, ocupam uma importante área do espaço urbano, caracterizada por uma atividade e fisionomia peculiar.” (PEGAIA, 1967, p. 104)

Entender que a instalação de uma necrópole pode mudar a dinâmica da geografia local. Lotes residenciais que se erguem próximos aos muros de um cemitério têm, normalmente, valorização diminuída. Os cemitérios, como já vimos anteriormente, se instalaram em áreas de subúrbios, longe dos centros urbanos, justamente por terrenos nessas áreas serem mais baratas (PEGAIA, 1967). Quanto ao caso dos cemitérios CCVV, CB, CSI e CPPF, todos foram instalados em áreas consideradas suburbanas, até o momento em que a cidade se expandiu e incorporou os cemitérios dentro de suas paisagens, impedindo a expansão destes.

---

<sup>14</sup> “Even the more cursory survey of the literature suggests that necrogeography – the use of the dead to puncture and mark-out and reinforce taskscapes of the living – has held an integral place in pre-human and human action for thousands of years. This recognition has led many authors to examine the sitting and presence of funerary monuments relative to the world of the living as a way of making inferences about past societies’ attitudes to the dead.” [citação original, grifo e tradução dos autores].

O tema (necrogeografia) é compreensivelmente importante para entender as dinâmicas das cidades e das paisagens dos mortos e dos vivos. “[...] O geógrafo que se dispuser a abordá-lo, encontrará nos cemitérios um interessante ‘laboratório’ para suas pesquisas.” (PEGAIA, 1967, p. 119).

O papel da geografia em ressignificar esses espaços e trazer a questão para debate é importante, a luta para que esses lugares se tornem mais que meros de espaços de esquecimento e passem a ser aceitos novamente como parte inexorável da malha urbana é de grande importância para a geografia, enquanto esta estiver preocupada de fato com todo o os espaços humanos, vivos ou não.

O caso canela-verde possivelmente não é o único, nem será pelas próximas décadas. O homem tem medo da finitude da vida, do luto e, principalmente, do esquecimento (Ariès, 1977). Os espaços dos mortos são tão resilientes quanto os espaços dos vivos, não por coincidência, mas sim pelo fato de que haverá, em certo tempo, um momento em que a história limpará em definitivo os registros dos túmulos, efigies e das paisagens que um dia construímos. Não é um argumento existencialista e nem reducionista. Necrogeográfico é o ato de saber que pertencemos aos mesmos espaços que os mortos, e que um dia faremos parte da mesma comunidade. “*Nós ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos.*”<sup>15</sup>

## 4. NECROTURISMO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

### 4.1 Necroturismo: Espaço cemiterial como lugares de memória e atrativo turístico

O necroturismo, ou turismo cemiterial, tem se consolidado como uma vertente do turismo cultural, transformando cemitérios em locais de visitação por seu valor histórico, arquitetônico e simbólico. Esses espaços, tradicionalmente associados ao luto, são também lugares de memória, onde a história coletiva e individual se materializa em monumentos, epitáfios e obras de arte tumular. Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória são aqueles “onde a memória se cristaliza e se refugia”, sendo os cemitérios exemplos marcantes dessa preservação.

---

<sup>15</sup> Inscrição encontrada na Capela dos Ossos, em Évora, Portugal. Sendo o equivalente ao “Memento Mori”, latim para “lembre-se da morte”.

O necroturismo, enquanto vertente do turismo cultural, transforma os cemitérios em locais de valorização patrimonial e de reflexão sobre a memória coletiva. Nesse sentido, Figueiredo (2015) destaca que

“[...] o turismo cemiterial, derivado do turismo cultural, surge como um importante fenômeno socioeconômico que, através de visitas guiadas, se propõe a exaltar as necrópoles como extraordinárias fontes históricas para a preservação da memória individual e coletiva, relíquias arquitetônicas, patrimônios históricos e culturais, ou melhor, como verdadeiros museus a céu aberto.” (FIGUEIREDO, 2015, p.135 apud ROSSI, 2007; CABANAS e RICCI, 2008; FIGUEIREDO, 2010)

A prática do turismo cemiterial, começou a ganhar forma no início do século XIX, especialmente na Europa, em um contexto de transformações urbanas, sociais e culturais. Um dos marcos iniciais do necroturismo foi a inauguração do Cemitério Père-Lachaise, em Paris, em 1804, onde passeios monitorados por seus espaços internos atraem uma expressiva (e cada vez maior) quantidade de turistas. De acordo com Figueiredo (2015), “os cemitérios europeus se destacam como importantes roteiros turísticos, oferecendo uma experiência única de contato com a história e a cultura locais” (FIGUEIREDO, 2015). Nessa direção, ressaltam-se as três necrópoles mais conhecidas de Paris: o Cemitério de Père-Lachaise, o Cemitério de Montparnasse, criado em 1824, e o Cemitério de Montmartre, de 1825. Todos estes são assinalados como roteiros turísticos da cidade, lado a lado com outros destinos parisienses difundidos pelo mundo, como a Torre Eiffel e o Museu do Louvre.

Ao longo do século XIX, o movimento se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, acompanhando o crescimento das cidades e o desenvolvimento dos cemitérios-jardins. Como define Felipe Fuchs (2019), conforme citado por Teixeira (2022, p. 49), os cemitérios-jardins representam uma abordagem diferenciada para os locais de sepultamento, priorizando a contemplação da natureza e a criação de um ambiente semelhante a um jardim, em contraste com o modelo monumental tradicional. Enquanto os cemitérios clássicos enfatizavam a individualidade e transmitiam uma atmosfera de tristeza honrada e fúnebre, os cemitérios-jardins promovem uma sensação de paz natural e sustentabilidade. Além disso, proporcionam uma impressão superficial de igualdade após a morte, uma vez que as sepulturas seguem um padrão visual homogêneo.

No século XX o necroturismo se consolidou como uma vertente do turismo cultural, com diversas cidades ao redor do mundo promovendo visitas guiadas, roteiros temáticos e eventos culturais em seus cemitérios históricos.

No Brasil, vem se consolidando como uma relevante vertente do turismo cultural, ao transformar cemitérios históricos em locais de memória, preservação do patrimônio arquitetônico e manifestação cultural. Embora essa prática ainda não alcance o mesmo nível de popularidade observado em países europeus, o Brasil abriga diversas necrópoles que se destacam pela sua importância histórica e potencial turístico. Entre os principais destinos do necroturismo no país, o Cemitério da Consolação, em São Paulo, é uma referência importante. Inaugurado em 1858, o cemitério mais antigo da cidade oferece aos visitantes a oportunidade de conhecer túmulos de personalidades marcantes, como Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade. Além disso, suas esculturas monumentais e obras de arte tumular transformam o espaço em um verdadeiro museu a céu aberto, sendo comum a realização de visitas guiadas que exploram a história da cidade e a produção artística das sepulturas. No Rio de Janeiro, o Cemitério São João Batista, fundado em 1852, destaca-se pela arquitetura de seus jazigos e pela presença de figuras ilustres, como Carmen Miranda, Tom Jobim e Cazuza. O cemitério, localizado no bairro de Botafogo, proporciona uma imersão na história cultural e musical brasileira, atraindo turistas interessados em conhecer mais sobre a trajetória dessas personalidades. Na Bahia, o Cemitério do Campo Santo, localizado em Salvador, é um dos mais antigos do país e possui túmulos de intelectuais e políticos importantes.

No estado do Espírito Santo, o necroturismo capixaba apresenta diversas potencialidades, como a realização de visitas guiadas que exploram a história das personalidades sepultadas, roteiros temáticos que abordam a cultura e a memória local, além da valorização e pluralidade da arte tumular e da arquitetura dos cemitérios. Contudo, o desenvolvimento desse segmento turístico enfrenta desafios significativos. A baixa divulgação desses locais como pontos turísticos, a infraestrutura limitada e o preconceito cultural, que associa cemitérios exclusivamente ao luto e tristeza. Apesar dessas dificuldades, o Espírito Santo tem grande potencial para se destacar no cenário do necroturismo nacional, especialmente se houver iniciativas de preservação do patrimônio e uma maior integração ao turismo cultural. A promoção de visitas guiadas, a realização de eventos culturais e a transformação desses espaços em museus a céu aberto podem atrair tanto turistas locais quanto visitantes de outras regiões, proporcionando uma experiência rica em história, cultura e reflexão.

## 4.2 Perspectivas para o futuro: Novas direções das práticas mortuárias

Enquanto diminui-se os níveis dos modais tradicionais de enterramento, outras novas propostas vêm surgindo como alternativas viáveis para a disposição cadavérica e a reutilização da matéria orgânica proveniente do corpo para outras funções. Alguns cemitérios, como citado anteriormente, sofrem com o abandono e a noção de não pertencimento dentro das áreas urbanas (e rurais). De acordo com Santos (2013), este problema pode ser contornado com algumas alternativas, custosas ou não. Isso dependerá da economia e viabilidade local.

Nos EUA, a frequência das cremações tem aumentado exponencialmente após a pandemia. Atualmente, 56% dos estadunidenses optam por esse método<sup>16</sup> e isso é um claro reflexo do aumento dos custos da terra e da legislação americana que mantém todos os enterramentos perpétuos e só fazem exumações em casos extraordinários. Os cemitérios, no fim, estão cheios de lápides cada vez mais ilegíveis e sem sentido memorial.

Para contornar esse problema, existem opções (ainda caras ou não praticadas no Brasil) que seriam mais ecologicamente corretas que o próprio enterramento cristão:

A hidrólise alcalina consiste em um processo onde o corpo é colocado em uma câmara onde é adicionada uma solução formada por 95% de água e 5% de hidróxido de potássio (KOH, um alcalóide composto inorgânico). Esta solução então é aquecida e circulada por todo o corpo, reduzindo os restos mortais aos elementos básicos e fragmentos ósseos que são secados, processados, embalados e retornados à família. (SANTOS, 2013, p. 101)

A hidrólise alcalina é menos poluente que uma cremação comum e produz um líquido que pode ser útil para ser usado como adubo, pela quantidade elevada de nitrogênio.

Outra opção é a compostagem humana<sup>17</sup>, que consiste em deixar o corpo do falecido em uma câmara projetada para esse fim, selada e com serragem. Entre 60 e 90 dias o corpo estará completamente decomposto e a serragem haverá absorvido toda a matéria orgânica para ser utilizada como compostagem para hortas e plantações. Isso já é um processo realizado com

---

<sup>16</sup> Para mais informações, consultar:  
<https://theconversation.com/most-americans-today-are-choosing-cremation-heres-why-burials-are-becoming-less-common-186618>

<sup>17</sup> Consultar: <https://www.britannica.com/science/human-composting>

animais, como o gado, ao redor do mundo, mas a ideia foi definitivamente aplicada pela empresa Recompose, nos EUA, que conseguiu legalidade para atuar em seis estados americanos e recebe centenas de clientes por ano.

Alternativas como essas podem ser a chave para diminuir a poluição dos solos com necrochorume, além de possibilitarem filosófico olhar novo quanto a morte.

## Conclusão

A geografia é uma ciência de múltiplas possibilidades, podendo trabalhar plenamente com os mais diversos campos do conhecimento científico em prol do conhecimento. É também a ciência que mais precisa estar com seus olhos atentos a fenômenos cujas outras lentes não enxergam. Percebemos que, apesar de estarmos inseridos em uma situação difícil para a realidade cemiterial canela-verde, é possível sim estabelecer metas e parâmetros para mudar a totalidade das coisas. O reconhecimento dos espaços cemiteriais não só como lugares de temor e de práticas religiosas, mas também de observações científicas e de entendimento preciso é um passo adiante para compreendermos que estes são um emaranhado de processos socioespaciais que não podemos analisar de maneira separada. Assim como a paisagem cultural, a construção de espaços mortuários pode não ser eterna, mas nos ensina que existem possibilidades para melhor planejamento e melhorias nas condições e, com isso em prática, tentar trazer consciências sociais sobre o ato da morte e de morrer pode ser um passo em direção a quebra definitiva do tabu da morte para todos os que a temem.

## Referências

---

DE ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 1<sup>a</sup> ed. 3<sup>a</sup> reimp. Rio de Janeiro – RJ: Antropofágica, 2019. 459 p.

LAWERS, M.. **O nascimento dos cemitérios**: Lugares sagrados e a terra dos mortos no ocidente medieval. Tradução: Robson Murilo Grando Della Torre. 1<sup>a</sup> ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2015. 400 p.

FÖETSCH, A. A.; DE OLIVEIRA, C. D. M.. Geografia simbólica dos cemitérios em perspectivas. **London Journal of Research in Humanities and Social Sciences**. Londres: London Journals Press. v. 20, n. 1, p. 7-26, abr. 2020.

BORGES, M. E. Manifestações artísticas contemporâneas em espaços públicos convencionais: cemitérios secularizados. In: **XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Anais. Minas Gerais, 2004.

COSGROVE, D.. (1989/2012) **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ. p. 219-237.

SAUER, C. O. (1925/2012): **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 12-74.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6<sup>a</sup> ed. 2<sup>a</sup> reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

**Dinâmica populacional Brasileira na virada do século XX**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, ISSN 1415-4765. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Governo Federal do Brasil - 2004.

RODRIGUES, C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: Tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276 p.

RODRIGUES, C.; BRAVO, M. N. Morte, cemitérios e hierarquias no Brasil escravista (séculos XVIII e XIX). In: **HABITUS - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia Goiânia**, v. 10, n. 1, p. 3-19, jul./dez. 2012.

Lei Imperial s/n de 01º de Outubro de 1828, art. 66, 2º: **“Sobre o estabelecimento de cemitérios fóra do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade ecclesiastica do lugar [...]”**. Fonte: CL do Império do Brasil. Disponível em:

[PEDROSA, F. A. de C. Entre túmulos, anjos e capelas: História e historiografia dos cemitérios brasileiros. In: \*\*Revista Eletrônica Trilhas da História\*\*, v. 12, n. 24, p. 279-307, fev./jul. 2023.](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38281-1-outubro-1828-566368-publicacaooriginal-89945-pl.html#:~:text=D%C3%A1%20nova%20f%C3%B3rma%20%C3%A1s%20Camaras,e%20dos%20Juizes%20de%20Paz.&text=Art.,sete%2C%20e%20de%20um%20Secretario. Acesso em: set. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

DE OLIVEIRA, M. R. da S.; PINHEIRO, V. C. S. In: **PatryTer: Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 6, n. 11, maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v6i11.4131> - Acesso em: 17 de Set. de 2024.

**Orçamento: 990501 - SERVIÇOS TÉC. DE LEVANT. PLANIALTIMÉTRICO PARA IMPLANTAÇÃO DE INFRA. UND DOS CEMITÉRIOS**, Secretaria Municipal de Obras - Prefeitura Municipal de Vila Velha, abr. 2020. Disponível em: <https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/CBL%20-%20990501%20-%20SERVICOS%20TEC%20DE%20LEVANT%20PLANIALTIMETRICO%20PARA%20IMPLANTACAO%20DE%20INFRA%20UND%20DOS%20CEMITERIOS.pdf> - Acesso em: set. de 2024.

**Termo de Referência - Topografia cemitérios VV**, Secretaria Municipal de Serviços Urbanos/SEMSU - Prefeitura Municipal de Vila Velha, jul. 2020. Disponível em: [https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/2%20-%20TR\\_TOPOGRAFIA%20-%20Cemiterios%20VV.pdf](https://www.vilavelha.es.gov.br/midia/paginas/2%20-%20TR_TOPOGRAFIA%20-%20Cemiterios%20VV.pdf) - Acesso em: set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Portal cidades: Cidades e estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: out. 2024.

TEIXEIRA, P. B. **Sete palmos de terra: Historiografia e desigualdade na formação territorial dos cemitérios de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciência Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2022. 158 p.

HUR, D. U. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. In: **Revista Athenea Digital**, v. 13, n. 2, p. 179-190, jul. de 2013. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v13-n2-hur>. Acesso em: jan. 2025.

CARNEIRO, M. Construções tumulares e representações de alteridade: Materialidade e simbolismo no cemitério municipal de São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011. In: **Revista Inter-legere**, n. 12, jan./jun. de 2013. e-ISSN: 1982-1662. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/issue/view/282> - Acesso em: 20 fev. de 2025.

**CYMBALISTA, R. Sangue, ossos e terras: Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro - Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Alameda, 2011. 346 p.

BANDEIRA, L. C. C. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. In: **Revista Último Andar**, n. 19, p. 33-39, 2º semestre de 2010. ISSN 1980-8305. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/issue/view/924> - Acesso em: 20 fev. de 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).  
[<http://portal.iphan.gov.br/>] Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1359/>. Acesso em: 20 de out. de 2025.

MACHADO, S. S. Análise ambiental dos cemitérios: Um desafio atual para a administração pública. In: **Revista de Ciências Humanas**. [S.I.] v. 1, n. 6, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3577>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

GARCIA, D. G. Configuração urbana do município de Vila Velha/ES Reflexões sobre os espaços livres e áreas ambientalmente fragilizadas. In: **COLÓQUIO QUAPÁ-SEL**, 6., 2011, São Paulo.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaro. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória – 1950-1980**. 1ª edição. Vitória: EDUFES, 2001.

**SANTA Inês surgiu de areia e mato.** A Tribuna. Vitória, 06 de jun. de 2006, p.11, c1-5. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/341063#details>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

VILA VELHA. Secretaria Municipal de Proteção e Defesa Civil. **Monitoramento plano municipal de redução de riscos de Vila Velha-ES: Bairro Alvorada, setores 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40**. Vila Velha, 2023. Disponível em: <https://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/protecao-e-defesa-civil-plano-municipal-de-reducao-de-riscos-geologicos-pmr>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

**MORADORES contam a história de Alvorada.** A Tribuna. Vitória, ES. 03 de fev. de 2000, p.11, c1-5. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/339729>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

**Muro de cemitério desaba depois de forte chuva em Vila Velha, no ES.** G1 - Globo/TV Gazeta. Espírito Santo, 26 de nov. de 2013. Disponível em: <https://glo.bo/1exIgm5>. Acesso em: 15 de set. de 2024.

**GALVÉAS**, Homero Bonadiman. **A História da Barra do Jucu: Gênese da Cultura Capixaba - Desenvolvimento Sócio Cultural da Grande Vitória**. Vila Velha, 1ª ed. 1976. Disponível em: <https://www.galveas.com/homero/arquivos/capacontracapaorelha.html>. Acesso em: jan. 2025.

FILHO, Walter de Aguiar. Barra do Jucú. **Museu Vivo da Barra do Jucú**. Vila Velha, jun. 2013. Disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/barra-do-jucu/>. Acesso em: Jan. 2025.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre a memória e a história: A problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BERGMANN, K. S. A. G. **Dinâmicas culturais na Barra do Jucú**: O papel da identidade e da comunidade nas organizações culturais locais. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade de Vila Velha. Vila Velha/ES, 2023. 118 p.

FERNANDES. W. B., ZUCOLOTTO, K. S., HORTELIO, T. M. T. R. M. Erosão costeira: Caso do Balneário de Ponta da Fruta, Vila Velha – ES. In: **Revista Espaço acadêmico** [S.I.] v. 7, n. 2, 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/01/revista-espaco-academico-v07-n02-ric-completa.pdf>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

BARVE, M. S. Unwanted Services Environment: Study of Funeral Service Industry in the US. In: **Shodhaditya**. v. 1. Mumbai, Índia, 2013.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo - SP: Editora Unesp, 2014. 837 p.

SEMPLE, S.; BROOKES, S. Necrogeography and necroscapes: living with the dead. In: **World Archeology**. v. 52, n. 1, p. 1–15, jul. de 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00438243.2020.1779434>. Acesso em: jan. 2025.

PEGAIA, U. A. Estudo geográfico dos cemitérios de São Paulo. In: **Boletim paulista de geografia**, n. 44, p. 103–119, out. de 1967. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1181>. Acesso em: jan. 2025

FIGUEIREDO, O. M. Turismo e lazer em cemitérios: algumas considerações. In: **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, v. 9 n. 1, p. 125–142. Santa Catarina, 23 de jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/558>. Acesso em: out. 2024.

SANTOS, A. S. Espaços cemiteriais e suas contribuições para a paisagem e meio ambiente urbanos. In: **Revista LABVERDE**, v. 6, n. 4, p. 85-105, jun. de 2013, São Paulo. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61879>. Acesso em: dez. 2024.

**Most Americans today are choosing cremation – here's why burials are becoming less common.** The Conversation. Califórnia, 22 de jul. de 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/most-americans-today-are-choosing-cremation-heres-why-burials-are-becoming-less-common-186618>. Acesso em: dez. 2024.

KELLEHER, D., PETRUZELLO, M. Human Composting. **Encyclopedia Britannica**. Edimburgo, 13 Jun. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/human-composting>. Acesso em: 25 Fev. 2025.

FUCHS, F. **Espaços de cemitério e a cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de São Paulo – Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2019. 236 p